

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CARLA FAÇANHA DE BRITO

PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO
CASARÃO: O MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

JOÃO PESSOA-PB

2012

CARLA FAÇANHA DE BRITO

**PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO
CASARÃO - O MUSEU VIVO¹ DO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Virgínia Bentes Pinto.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

JOÃO PESSOA-PB

2012

¹ Esclarecemos que esta pesquisa não contempla o conceito de museu vivo, entendido como sendo territórios que abrigam exposições vivas, pois esses espaços levam em conta espécies de seres vivos existentes na natureza, como zoológicos etc., portanto não se aplica ao caso da denominação de “Museu Vivo do Padre Cícero”, porém, ao longo desta dissertação utilizaremos esta denominação por se tratar do nome registrado no IBRAM. Talvez no caso do Museu do Padre Cícero, esse entendimento de “Museu vivo” seja uma metáfora de eternidade do Padre e por se tratar de um espaço dinâmico e interativo na concepção de seus criadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

B862p Brito, Carla Façanha de.

Proposta de categorização dos ex-votos do casarão : o museu vivo do Padre Cícero em Juazeiro do norte. / Carla Façanha de Brito. – 2012.

100 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, João Pessoa, 2012.

Área de Concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Virginia Bentes Pinto.

1. Museu. 2. Museu vivo do Padre Cícero. 3 religiosidade popular 4. memória. I. Título.

CDD 069

CARLA FAÇANHA DE BRITO

**PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO
CASARÃO - O MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Virgínia Bentes Pinto. Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade. Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Aprovada em: 13/02/2012

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Virgínia Bentes Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Bernardina Juvenal Freire de Oliveira (Membro Interno)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.^a Dr.^a Diana Farjalla Correia Lima (Membro Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Suplente: Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

JOÃO PESSOA-PB

2012

À Deus, criador e mantenedor de todas as coisas.

À meu marido, Jorge (minha metade) e a minha filha Isabela (meu maior tesouro), pela felicidade e harmonia no lar.

Àos meus pais, Helder e Terezinha, meu alicerce firme e seguro.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pai misericordioso, pelo presente da vida e por poder viver esse momento único e memorável.

*Agradeço a minha sempre mentora, orientadora e amiga Prof.^a Dr.^a **Virgínia Bentes Pinto**, pela credibilidade, confiança, orientação, pelo conhecimento compartilhado e, acima de tudo, pela paciência para com os meus erros e teimosia, bem como pela compreensão e força com a minha nova empreitada: a de ser mãe!*

Ao PPGCI/UFPB, pela oportunidade de ser grande! Por dois anos, meu lar, meu abrigo.

Aos professores do PPGCI/UFPB, mestres que me fizeram alçar voos mais altos.

*Agradeço a minha banca, Prof.^a Dr.^a **Bernardina Freire** e Prof.^a Dr.^a **Diana Farjalla**, pelas ricas orientações; aprender não tem preço.*

À UFC e em especial à Coordenação do Curso de Biblioteconomia, sempre disposta em intermediar o mestrado e a docência.

*Aos colegas professores da UFC Cariri, pela força e compreensão. Em especial, a minha amiga Prof.^a M.^a **Ariluci Goes**, pelo incentivo. Você foi nota 10!*

Aos meus alunos, meus queridos, obrigada de coração por entender as necessidades de ser um docente! Vencemos!

*A minha amiga **Giovanna Guedes**, pelo apoio e confiança, pela moradia acolhedora, a escolha certa! Minha eterna gratidão.*

*Ao meu amado **Jorge**, marido e amigo, meu porto seguro, por lutar comigo sempre e por me amar e admirar todos os dias. O que seria de mim sem você? AMO VOCÊ.*

*A minha bela **Isabela**, filha adorada, planejada nos detalhes, “do coração de Deus pra mim”, obrigada pela oportunidade de ser mãe!*

Aos meus pais, Helder e Terezinha, o meu eterno agradecimento, pela dedicação, esforço e trabalho; hoje sou fruto de tudo isso!

A minha família Façanha, pela força e crença nas minhas realizações.

Aos meus amigos de jornada, Prof.^a Ma. Elieny Nascimento e Prof. Ms. Lucas Almeida, obrigada por acreditar em quem eu sou; o tempo prova tudo. Conhecer e entender as pessoas é um exercício difícil, porém gratificante quando se acredita na amizade!

A minha amiga Prof.^a Esp.^a Adriana Nóbrega, pelo apoio e amizade conquistada. A minha eterna consideração.

Aos meus amigos, Prof.^a Dr.^a Fátima Cysne (amiga e mestra) e Luís Carlos, pelos conselhos e pela alegria do lar.

Aos meus companheiros de mestrado, turma de 2010, pela boa convivência, pelas trocas de conhecimento, pela luta e alegria. Juntos, fomos bem longe...!

Ao querido, prestativo e acolhedor Claudio Galvino, obrigada, mil vezes obrigada, por receber sempre bem eu e Jorge; e agora a pequena Isabela.

A minha eterna gratidão ao amigo Antônio Araújo, sempre disposto, braço direito, anjo da guarda. Você é um ser ímpar. Deus o abençoe!

“O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas”. Geertz

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vêem”. Heb.11:1

RESUMO

A gênese da extensão ex-votos remonta aos povos gregos e romanos e traz em sua semântica o reconhecimento de fé, sendo materializado nas peças que simbolizam o agradecimento de uma graça alcançada, a ser alcançada, ou pedido de proteção, seja ele referente à cura de uma doença ou outra coisa. Os ex-votos podem se apresentar de formas diversas: réplicas de partes do corpo, quadros, fotos, vestimentas etc., colocados nas igrejas, capelas ou em museus sacros. Em Juazeiro do Norte, o Museu Vivo do Padre Cícero, conhecido popularmente como Casarão, é constituído por um rico acervo de ex-votos, tornando-se um espaço de patrimônio, representando referências da memória cultural e religiosa. O estudo em foco caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, apoiado na análise de conteúdo, no interacionismo simbólico e na etnometodologia, tendo os seguintes problemas de pesquisa: quais os tipos de ex-votos encontrados no Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE? Como efetivar um modelo de categorização que possibilite estabelecer a memória do acervo desse museu, que viabilize o tratamento, a organização, a representação, o acesso, e a recuperação da informação expressados nos ex-votos ali depositados, levando-se em conta a riqueza e diversidade dessas peças? O objetivo geral foi: analisar o discurso imagético do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de elaboração de um modelo de categorização baseado na categorização aristotélica, visando à representação indexal. Os resultados demonstram que nesse museu existem várias categorias de peças ex-votivas que precisam ser organizadas conforme as ferramentas do campo da Ciência da Informação e que a aplicabilidade das categorias aristotélicas apoiada no uso de uma terminologia musicológica poderá trazer contribuições efetivas para a recuperação da informação no espaço museológico.

Palavras-chave: Categorização. Representação. Ex-votos. Museu. Museu Vivo do Padre Cícero. Reliosidade Popular. Memória.

ABSTRACT

The genesis of the extension “ex-votos” dating back to Greek and Roman people and brings in its semantic recognition of faith as embodied in the pieces that symbolize an received grace, or to be achieved, or asking for protection, being it related to healing of a disease or something else. The ex-votos can take a wide variety of forms: replicas of body parts, pictures, photos, clothing etc., deposited in churches, chapels or sacred museums. In Juazeiro do Norte-CE, the Living Museum of Father Cicero, popularly known as “Big House”, has a rich collection of ex-votos, becoming a space heritage, that represents the cultural and religious memory references. This study is characterized as a qualitative, descriptive, based on the content analysis, in symbolic interactionism and ethnomethodology, with the following research problems: what types of ex-votos can be found in the Living Museum of Father Cicero Juazeiro do Norte-CE? How to enforce a categorization model that enables the establish the memory of the museum's collection, which makes possible the treatment, the organization, representation, access, and retrieval of information expressed in votive offerings deposited there, taking into account the wealth and diversity of these pieces? The purpose of this study was to: analyze the discourse imaging of the Living Museum of Father Cicero of Juazeiro do Norte-CE, represented by its ex-votos, for the preparation of a model of categorization based on the Aristotelian categorization, for an indexal representation. The results of this study show that in this museum there are several categories of ex-votos that need to be arranged from the Information Science view and the use of the Aristotelian categories as a musicological terminology may bring contributions to the effective information retrieval in museum space.

Keyword: Categorization. Representation information. Ex-votos. Museum. Living Museum of Father Cicero. Popular Religiosity. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Ex-votos: imagens de cabeças de porcelanas.....	22
Figura 2 Ex-votos: bonecas	22
Figura 3 Ex-votos: fotos de momentos vividos	26
Figura 4 Ex-votos: grinaldas.....	27
Figura 5 Ex-votos: seio de madeira	34
Figura 6 Ex-votos: parte do corpo humano (pernas, pulmões, mãos, cabeça etc.).....	34
Figura 7 Ex-votos: estojo de lápis	35
Figura 8 Ex-votos: vestido nupcial	35
Figura 9 Romaria em Juazeiro do Norte-CE	40
Figura 10 Romaria de Finados em Juazeiro do Norte-CE.....	40
Figura 11 Imagem do Padre Cícero em loja comercial na cidade de Juazeiro do Norte-CE ...	44
Figura 12 Imagem do Padre Cícero na principal praça da cidade de Juazeiro do Norte-CE que leva o nome do “santo”	44
Figura 13 Imagem do Padre Cícero em um restaurante na cidade de Juazeiro do Norte-CE ..	45
Figura 14 Imagem de dois oratórios em residências na cidade de Juazeiro do Norte-CE	45
Figura 15 Faixada do Casarão: o Museu Vivo do Padre Cícero	51
Figura 16 Cena retratada da vida do Padre Cícero feita de resina e poliéster	52
Figura 17 Altar erguido ao centro do Museu Vivo do Padre Cícero, onde os devotos depositam os ex-votos	53
Figura 18 Ex-voto sem seguir uma categoria semântica de objetos em classe	56
Figura 19 Ex-votos tradicionais, partes do corpo feitas de madeira (corpo em sua estrutura completa, cabeça, pernas e braços).....	57
Figura 20 Ex-votos tradicionais, partes do corpo feitas de madeira (cabeça, pernas, pés, e corpo em sua estrutura completa etc.)	57
Figura 21 Ex-votos caracterizados com a imantação da doença	58
Figura 22 Ex-votos: perna caracterizada na forma.....	59
Figura 23 Ex-votos não tradicionais caracterizados na forma.....	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 2 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VACA DE MADEIRA	63
Quadro 1 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CAVALO DE MADEIRA	63
Quadro 3 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BILHETE e CARTA	64
Quadro 4 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DOCUMENTO FOTOGRÁFICO.....	65
Quadro 5 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DIPLOMA	65
Quadro 6 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CARTEIRA DE MOTORISTA	66
Quadro 7 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: ESTOJO DE LÁPIS	67
Quadro 8 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DISCO DE VINIL, CD-ROM E DVD.	68
Quadro 9 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CASA, SITIO, IGREJA E LANCHONETE	69
Quadro 10 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DOBRADIÇA E FECHADURA DE PORTA	70
Quadro 11 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: TIJOLO	70
Quadro 12 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: GARRAFA DE MADEIRA	71
Quadro 13 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PLACA....	72
Quadro 14 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BONECO	73
Quadro 15 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CORPO EM SUA ESTRUTURA COMPLETA	74
Quadro 16 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CABEÇA..	75
Quadro 17 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: COLUNA VERTEBRAL.....	76
Quadro 18 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BRAÇO	76

Quadro 19 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MÃO.....	77
Quadro 20 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CORAÇÃO	77
Quadro 21 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PULMÃO	78
Quadro 22 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MAMA	78
Quadro 23 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: RIM	79
Quadro 24 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PERNA....	79
Quadro 25 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PÉ	80
Quadro 26 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: URNA CINERÁRIA	81
Quadro 27 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CAMISA DE TIME ESPORTIVO	82
Quadro 28 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VESTIDO NUPICIAL DE CETIM.....	82
Quadro 29 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VÉU e GRINALDA	83
Quadro 30 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MULETA	84
Quadro 31 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MODELO DE DENTADURA E AFASTADOR TORÁCICO/DE EXTERNO	85
Quadro 32 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: TESOURA, BISTURI, ESTETOSCÓPIO	87
Quadro 33 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CARRO, MOTOCICLETA, JANGADA E ÔNIBUS DE METAL, MADEIRA OU PLÁSTICO.....	88
Quadro 34 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CHAVE DE PORTA	88
Quadro 35 Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PLACA DE CARRO	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MUSEUS: ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO.....	21
2.1 Os museus como testemunhos da memória cultural e religiosa	24
3 CATEGORIZAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	29
3.1 Considerações sobre a categorização.....	29
3.2 Aplicabilidade da categorização filosófica aristotélica do contexto da informação em museus	30
3.2.1 Categorizar para o tratamento, organização, mediação e recuperação da informação....	30
4 A REPRESENTAÇÃO INDEXAL DOS OBJETOS MUSEOLÓGICOS	32
4.1 Ex-votos: representação e construção de sentidos.....	33
5 RELIGIOSIDADE POPULAR: PROMESSA E DEVOÇÃO EM JUAZEIRO DO NORTE-CE	38
6 METODOLOGIA.....	47
6.1 Tipo de pesquisa	47
6.2 Método	48
6.3 Procedimentos para a coleta de dados	49
6.4 Estudo de caso: o Museu Vivo do Padre Cícero	50
7 PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO MUSEU VIVO DO PADRE CICERO	55
8 CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A – CERTIDÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	100

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) tem raízes no paradigma informacional, com características voltadas à compreensão, relevância, seleção e interpretação da informação. Foi no contexto da Segunda Guerra Mundial, conforme destaca Freire (2006), que a informação e o conhecimento passaram a ser tratados não somente como simples apropriação pela sociedade, mas, também, como forças produtivas. A CI está intuitivamente estabelecida desde os primórdios das tentativas da produção, organização, acesso e de comunicação humana, da troca de informação, por meio de atividades mentais e manejo técnico, caminhando para a construção de sentidos.

A informação na história humana está representada desde as primeiras narrativas, nos hieróglifos, na escrita, passando pelos manuscritos, gravuras, valores morais, mitos, crenças, percepções de mundo até o controle social e das propriedades. Dessa forma, a necessidade de registrar o conhecimento, de organizar a informação registrada e de constituir meios eficazes para ter acesso ao conteúdo em qualquer tempo aponta para os primeiros indícios que embasam a gênese da CI.

Conforme Wersing e Nevelling (1975, p.?), “a Ciência da Informação desenvolveu-se historicamente porque os problemas informacionais modificaram completamente sua relevância para a sociedade”. Corroborando, Borko (1968, p.?) define a Ciência da Informação, como uma

[...] disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento para acesso e uso otimizados. Ela diz respeito àquele corpo de conhecimento ligado à origem, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação... possui um comportamento de ciência pura, que investiga o interior do assunto sem considerar suas aplicações, é um componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos.

Conforme podemos observar nos conceitos apontados na literatura sobre a Ciência da Informação, esse campo de conhecimento se consolida como interdisciplinar *de per se*, buscando apoio em várias outras disciplinas, notadamente, Biblioteconomia, Museologia, Linguística, Informática, Comunicação, Antropologia, Psicologia, entre outras. O croata Tefko Saracevic (1996, p. 46), em seu artigo Ciência da Informação: origem, evolução e relações, acentua que as primeiras discussões referentes a essa área de conhecimento, acontecidas em 1960, não se esgotaram, prolongando-se até os dias atuais, cobrindo “as

questões acerca da natureza, manifestações e efeitos dos fenômenos básicos (a informação, o conhecimento e suas estruturas) e processos (comunicação e uso da informação) tornaram-se os principais problemas propostos pela pesquisa básica em CI”.

Em torno desses pontos, buscamos um diálogo estreito com as propostas expressas pela Ciência da Informação, de modo a responder aos anseios e questões indicadas por elementos que trazem em seu âmago representações que só podem ser reveladas e discutidas à luz desta ciência. Especificamente na perspectiva desta pesquisa procuramos entender os problemas voltados aos objetos da cultura material, em um trabalho específico com ex-votos, objetos-documentos que podem ou não se configurar como aqueles tradicionais da representatividade cultural e religiosidade popular, na tentativa de buscar aspectos significantes que os tornam elementos ricos de informações apontando para mapeamento de uma memória coletiva revelada numa dinâmica de modelos e formas.

Na sociedade contemporânea, mais do que nunca, embora se conviva bastante com documentos impressos, aqueles não impressos desempenham papel de destaque, não somente para estudiosos desses tipos de suportes de registros de informação, no entanto, também, para a Ciência da Informação, particularmente, no âmbito de museus, bibliotecas e outros espaços memorialísticos.

Nesse âmbito é que a pesquisa se introduz apresentando algumas questões que surgem a partir de nosso problema de pesquisa que se reflete na seguinte indagação: em que categorias devem ser agrupadas as peças referentes aos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, visando a estabelecer uma realidade representada por essas peças? Inicialmente, na busca dessas relações e das ações pretendidas desta pesquisa nos questionamos em como se efetivam a organização, estrutura e temática do espaço Museu Vivo do Padre Cícero, estruturas essas que irão compor o discurso, por meio do sentido que esses objetos adquirem quando inseridos no universo cultural museológico, visto que entender a essência e sentidos desses objetos é fato fundamental para a efetiva elaboração das categorias.

Na medida em que esses objetos museológicos adquirem sentidos, transmutam da condição original de objetos de devoção. Conforme Azevedo Netto (2008, p.?), sendo esses elementos “formas de representação pública, já que foram produzidos em um espaço intersubjetivo, atuando nas estruturas cognitivas daqueles que interagiram com essas figuras”, refletimos sobre discurso expositivo com origem nessa resignificação dos ex-votos quando

transmutam de sua condição original, de objetos de devoção para uma nova roupagem como objetos expostos em um espaço coletivo, no caso dos museus.

Conforme o Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa (1998), os ex-votos são objetos depositados em igrejas, casas de oração, capelas, simbolizando a graça alcançada. Consoante aponta Ferguson (1999), ao ofertar o ex-voto, ocorre o pagamento da dívida contraída no ato do pedido, finalizando o processo característico da prática votiva, constituído por três estédios principais: a realização do voto, a manifestação do milagre e o pagamento da promessa. A noção do conceito de ex-voto nos leva ao entendimento de um voto que já foi alcançado ou concedido. No entender de Nogueira (2006, p.?), entretanto,

O ex-voto começa por operar uma projecção da realidade individual e social na realidade sobrenatural, de cuja irrigação mútua resulta, digamos, uma ultra-realidade em devir que se impõe ao espectador ou ao utente-fruidor como estrutura circular: uma estrutura que vive numa temporalidade cíclica e não sequencial, sem princípio nem fim, auto-suficiente e, em última instância, imune a qualquer contingência ou desastre definitivos provocados por acontecimentos ou forças exteriores. Através do ex-voto, paga-se a promessa contraída e entretanto realizada, mas não só: este objecto artístico-ideológico não vale menos como testemunho da substituição da desordem pela ordem, da quase-morte pela vida, do sofrimento pela confortável e utópica imutabilidade.

Dessa maneira, o conceito de ex-votos tem hoje dimensão bem mais ampla em termos de sua tipologia, não se limitando somente as suas descrições tradicionais. Justamente por essas características é que entendemos serem as peças representativas dos ex-votos um tipo particular de documento que necessita ser tratado, de modo a possibilitar outros olhares e dizeres na indexação, organização, recuperação e gestão de informações neles registradas. Além do mais, não esquecer de que os ex-votos, ao serem depositados nos espaços das igrejas católicas, passam a ser compartilhados por outros que já experimentaram ou esperam alguma graça representada por essas peças. González de Gómez (2006) chama atenção a esse respeito, dizendo que a

[...] partilha da experiência , de um tempo e de um mundo em comum permite a construção de um repertório de saberes ao mesmo tempo único e plural, semelhante a uma cidade que não foi planejada por um único arquiteto, da qual nuca poderíamos afirmar nem onde começa nem qual seria sua última rua. (2006, p. 56).

Ante tais observações, nos perguntamos: quais os tipos de ex-votos encontrados no Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE? Como efetivar um modelo de categorização que possibilite a constituição da memória do acervo desse museu, que viabilize o tratamento, a organização, a representação, o acesso, e a recuperação da informação expressada nos ex-votos ali depositados, levando-se em conta a riqueza e diversidade dessas peças?

O tema escolhido para a discussão desta pesquisa traz em sua proposta a significância dos objetos museológicos representados nos ex-votos no espaço do Museu Vivo do Padre Cícero, conhecido popularmente como Museu do Casarão, em Juazeiro do Norte-CE, como elementos criadores de uma realidade viva e representativa das intervenções coletivas dos devotos em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista.

Essa pesquisa reforça o conceito de museu não mais como espaço de reprodução da realidade, porém como *locus* de produção e construção de sentidos. A esse respeito, Loureiro; Loureiro, L; Silva (2008, p.?) dizem que os museus “são produtores ativos e dinâmicos que criam realidades por meios dos objetos”.

Nessa perspectiva, entendemos pelo discurso que se extrai dos ex-votos, com suas significâncias e representações, o museu como instância mediadora de bens simbólicos com base nos saberes oficiais, institucionais e dos saberes informais, que estamos diante de uma elaboração coletiva de ditos e não ditos, que passa pela preservação e compartilhamento da memória social, das identidades, carregada das histórias, causos, crenças e experiências de vida de cada devoto.

Por meio destes pressupostos, compreendemos a urgência de estudos ligados ao campo da categorização para o desenvolvimento da CI, visando a favorecer o acesso e a recuperação da informação, principalmente no que se refere aos ex-votos, objetos que têm cada vez mais ocupado espaços coletivos, como no caso dos museus, na tentativa de entender a dinâmica desses objetos, alterando formas, expressões, conceitos, e relação com o universo cultural e religioso de um povo ou região.

Amparados dessas reflexões, nosso interesse intensificou-se pela temática em questão, pois, em visitas, observamos que existe uma rica variedade de ex-votos, por exemplo, figuras que retratam uma parte do corpo humano, um animal, uma peça de vestuário, e documentos fotográficos que podem ser categorizadas, de modo a dar não apenas uma estética ao museu porém, na perspectiva de elaboração de redes semânticas, de categorias de temas específicos

representados nessas peças. Para tanto, buscamos apoio nas categorias aristotélicas discutidas no livro *Órganon*, onde apresenta as dez categorias (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão), não somente por sua importância e urgência no panorama atual da sociedade da informação, mas, também, como interesse particular, tomado de um compromisso e responsabilidade em atender a proposta de um trabalho de pesquisa que vise ao desenvolvimento da região caririense, na qual me insiro profissionalmente como docente do Curso de Biblioteconomia do UFC- Campus Cariri, em Juazeiro do Norte-CE. Outra motivação para a escolha desse objeto de estudo é a possibilidade de avançar os conhecimentos no tema em lide e contribuir para a área de Ciência da Informação, bem como para estudos futuros referentes a esse tema.

Como objetivo geral desta pesquisa, analisamos o discurso imagético do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de elaboração de um modelo de categorização baseado na categorização Aristotélica visando à representação indexal.

Assim, para apoiar, também objetivamos: analisar a estrutura e a temática do espaço do Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE; identificar a tipologia dos objetos museológicos pertencentes ao Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE; mapear o discurso expositivo a partir da re-significação dos objetos expostos; elaborar um modelo de categorização para acesso e recuperação da informação museológica.

Traçamos, então, uma sistematização do plano geral desta dissertação, apresentando no primeiro momento as temáticas que envolvem o escopo fundamental de nossa pesquisa. Museus como espaço de socialização, capítulo segundo de nossa dissertação, traz relatos sobre o espaço museológico, trabalhando conceitos e as perspectivas trazidas por este espaço, elo da comunicação entre passado e presente, transmutando saberes e sonhos.

No subcapítulo, os museus como testemunhos da memória cultural e religiosa, fundamentamos as discussões, apontando questões referentes ao campo da memória, visto que o museu, espaço de criação e produção de sentido, se configura como um lugar onde os testemunhos, a voz de fala, dos fatos passados se encontram em uma troca de saberes individuais e coletivos da memória cultural e religiosa por meios das peças de ex-votos.

O capítulo terceiro discorre sobre a categorização, exibindo conceitos, bem como sua aplicabilidade ao tratamento da informação. Visando a atingir os objetivos traçados, fizemos um trabalho efetivo com a categorização filosófica de Aristóteles, que fundamentalmente nos

dará as bases para identificar nas peças de ex-votos objetos para o estudo em Ciência da Informação, a organização, tratamento, representação, acesso e recuperação da informação, levando-se o dinamismo dos ex-votos ali encontrados.

No capítulo quarto, abordamos a representação indexal, no intuito de examinar os objetos representados na forma de ex-votos, documentos não verbais que carregam elementos compostos de sentidos sígnicos pelos vários discursos da religiosidade popular, na busca de uma recuperação eficaz. Esses objetos adquirem enorme importância como fontes de informação, rodeados de uma esfera que envolve fé e devoção, saindo da condição de objetos de devoção, status inicial, que perpassam os espaços das capelas e igrejas, para assumir características de objetos museológicos.

Finalizando os fundamentos teóricos, tecemos algumas considerações no capítulo quinto, referentes à religiosidade popular, externando suas características e manifestações em Juazeiro do Norte-CE. Tema fundamental para entendermos os atos de fé e devoção do devoto.

Dedicamo-nos no capítulo sexto aos aspectos metodológicos adotados para a efetivação da pesquisa, apontando as decisões e ações empreendidas para a concretização do estudo empírico efetivado no Museu Vivo do Padre Cícero, localizado no bairro do Horto em Juazeiro no Norte-CE.

As categorias serão constituídas tendo por base a proposta aristotélica. Esta pesquisa possui cunho qualitativo, aspecto esse de foco extremo na categorização aristotélica, pois ao se categorizar, busca-se primeiramente dar qualidades ao objeto em estudo, tratado como substância primeira, por meio de campos específicos. De natureza descriptiva, a pesquisa se apoia na análise de conteúdo, nos métodos compreensivos: o interacionismo simbólico e a etnometodologia.

Por fim, na análise final, está a proposta de categorização dos ex-votos. Onde trabalhamos os ex-votos, separando-os em categorias e subcategorias conforme o “*thesaurus para acervos museológicos*”, aplicando as dez categorias apresentadas por Aristóteles.

2 MUSEUS: ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO

Ao longo da história da humanidade, os museus constituem, por exemplo, espaços de memória científica, sociocultural e religiosa; independentemente de suas especificidades. Conforme o ICOM (Conselho Internacional de Museus), na definição aprovada pela 20ª Assembleia Geral de Barcelona em 6 de julho de 2001, “museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade”. (IBRAM, 2011).

Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

[...] os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. (IBRAM, 2011).

Os museus são necessariamente espaços de comunicação, como bem diz Horta (1994, p.10), em sua análise semiótica do museu. Para essa estudiosa, os museus não se constituem apenas instituições, porém,

[...] mas como um meio, um instrumento, um sistema de comunicação, com uma estrutura flexível e mutante como a da linguagem que se apóia em um novo conceito do objeto museal”. Essa estudiosa diz ainda que, o processo de comunicação dos museus “implica o uso de diferentes códigos e sistemas semióticos, que vão atuar simultaneamente sobre os receptores.

Com suporte nessa compreensão de museu, procuramos estudar a figura dos ex-votos com base em algumas questões que norteiam o universo da preservação e disseminação da memória e a constituição de uma realidade representada por esses objetos.

Vemos, pois, a relação entre ex-votos, devotos e museu como criação e transformação de sentido, de objeto devocional para objeto museológico, representada por um “vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas”. (HAGUETTE, 2007). Essa realidade também está presente no contexto dos ex-votos, que tem o seu sentido inicial alterado graças a outros olhares dos devotos. Por exemplo, no caso do Museu Vivo do Padre Cícero, em observações empíricas, identificamos outras formas de conceber a figura tradicional do ex-voto, processo este que pode ser percebido nas figuras 1 e 2.



Figura-1 Ex-votos: imagens de cabeças de porcelanas

Fonte: Foto da autora



Figura 2- Ex-votos: bonecas

Fonte: Foto da autora

Como podemos observar no primeiro exemplo, as cabeças de porcelana que antes serviam de modelos para a criação de bonecas, nessa nova configuração, foram inseridas na coleção como ex-votos com outros sentidos. No exemplo segundo, jamais se poderia acreditar que bonecas industrializadas também fossem apresentadas como objetos de devoção, no caso, os ex-votos. Essas bonecas, embora simbolizem as trigêmeas Alice, Yasmim e Isabely, exibem características completamente dissociadas de uma peça de ex-votos, inclusive tendo conotação profana. Além disso, o entendimento semântico e biológico de geminilidade também se apresenta dissociado pelas características diversas dessas bonecas.

Observando essa realidade do deslocamento do conceito inicial de ex-voto, interessamos também a discussão do espaço museológico e sua composição mediante suas intervenções, repleto de simbologias, principalmente no que tange ao Museu Vivo do Padre Cícero como campo de pesquisa, não mais como espaço de reprodução da realidade, porém como *locus* de produção, elaboração sínica. Em realidade, conforme Lima (2008, p. 36) essa produção de sentidos se traduz

A (re)interpretação que se faz do produto cultural ao qualificá-lo na categoria de Bem Cultural é uma atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial. E ao distingui-lo deste modo, torna-o ‘especial’ e em posição de destaque perante os demais objetos da mesma natureza, emprestando-lhe sentido de ‘excepcionalidade’. Mencionando objetos materiais que se destacam e os significados decorrentes dos juízos de valor que lhes foram atribuídos, há exemplos eloquentes para citar quando se trata de ilustrar o que se considera um Bem Cultural.

Assim, no tocante à realidade do espaço referente a museus, abordamos na próxima seção um diálogo com a memória e o papel dos testemunhos, elementos esses importantíssimos para entendermos o processo de composição e representação que os objetos musealizados carregam em sua essência, pois, “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. (HALBWACHS, 2006, p. 31). Entendemos que todo esse processo de representação apoiado nas possibilidades trazidas pela memória-fonte única na qual se podem representar as coisas do passado-guarda extensa ligação com a instância dos museus, ao servir de espaço de interação e troca de lembranças que se transformam em memórias, primordialmente individuais, mas que se tornam coletivas, não só por intermédio do compartilhamento destas, ao se colocarem materializadas pelos objetos proposto pelos

espaços de representação, como os museus, mas também em sua formulação interna, trazidas ao presente pelo ato de rememoração dos fatos vividos.

2.1 Os museus como testemunhos da memória cultural e religiosa

A memória pode ser vista não só como lugar de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como uma capacidade de (re) significação das coisas e de si mesmo. Nora (1993). Trata-se de uma representação das coisas vistas, vivenciadas do passado, processo de trazer ao presente lembranças dos lugares de nossa memória, de uma possível reconfiguração de fatos guardados que são despertados pela rememoração, e se estendem além do espaço minimizado pela materialização, relacionados a um plano abstrato.

Na afirmação cunhada por Aristóteles de que “a memória é do passado”, contemplamos o desejo de reconhecimento de uma coisa ausente, esse ato de reconhecimento encarado pelo processo de rememoração que ao ser evocado traz ao presente representações de coisas ausentes que se configuram em testemunhos, imagens e objetos. Esse exercício da memória evoca a imagem de um passado, sendo esta a verdadeira presentificação desse passado, assegurando o caráter legítimo da memória.

Ao identificar as instâncias produtoras e reproduutoras de sentido nos museus, observamos o papel desses agentes na troca de experiências, não mais alheias ou mesmo pessoais, mas experiências representadas por uma memória que é trazida ao museu, como espaço comum, contemplada e vivida pelo prisma da coletividade. A esses agentes Halbwachs (2006, p. 29) chama de testemunhos, ao acentuar que

[...] recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando diz: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres — um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o eu que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros.

Esse autor não vê na origem da lembrança uma intuição sensível, conservada tal qual e recordada de modo idêntico. Essa lembrança inicial é chamada de primeiro testemunho, sempre envolvida pelo testemunho dos outros, sobre o que se viu ou não. Assim, o primeiro

testemunho, que são as nossas impressões, está sempre apoiado em um processo de constituição da memória, processo esse que envolve o “si e o nós”.

Defendemos, então, o argumento de que os objetos caracterizados como ex-votos são reflexos de testemunhos não somente apoiados em uma memória individual de devoção, mas também enriquecidos pela memória coletiva das pessoas que tanto depositam suas graças representadas pela figura do ex-voto, quanto daquelas que contemplam, se identificam e tecem a relação e sentidos, agora, permitidos pela instância do museu. De acordo com Ricoeur (2007, p.41) “[...] o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história”. Dessa forma, é por intermédio dos fatos relatados, ou mesmo de fatos depositados como objetos e imagens, das memórias do passado, no caso dos ex-votos, que temos acesso ao discurso histórico apresentado não mais como fatos pessoais e íntimos, dispersos e sorrateiros, vistos sob a suspeita da óptica da descrença incutida pelo esquecimento, mas agora como fatos que podem ser estudados, questionados ou comprovados, refletidos e interpretados; quer dizer, a legitimação da memória materializada nos museus.

Com origem nessa transição permitida pela coletividade e vivência de nossas memórias, é que “[...] acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação”. (RICOEUR, 2007, p. 139). Assim nós pensamos com Halbwachs (2006, p. 41 e 42)

talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. Temos o direito de pedir que este segundo aspecto seja admitido, pois esse tipo de atitude mental só existe em alguém que faça ou tenha feito parte de um grupo e porque, pelo menos à distância, essa pessoa ainda recebe sua influência.

É sensível o aspecto colaborativo da memória ao evocar lembranças que caminham para um processo de presentificação não mais individuais, pessoais, pertencentes a um eu, mas se colocam diante de outras lembranças que se encontram e constroem uma memória coletiva, de todos, impregnada de um si e de um outro. Nas imagens 3 e 4, vemos esse aspecto colaborativo, onde é possível, por meio de um encontro dessas memórias; ao se fundirem, já não mais pertencem ao depositário de tal graça, porém, agora se apropriam de um sentido coletivo representativo de uma herança histórica, integrando religião e cultura.

A figura 3 é constituída por fotos representativas de momentos especiais-família, casamento, formatura etc. São representações individuais que, ao serem colocadas no museu, assumem uma conotação coletiva, pois os devotos absorvem para si as memórias materializadas e vividas por outros.



Figura 3- Ex-votos: fotos de momentos vividos
Fonte: Foto da autora

Em que concerne a figura 4 (grinaldas), é um ex-voto individual representativo do agradecimento referente ao casamento. Entretanto, constatamos que na vitrine onde essas peças estão armazenadas, existem outras peças, por exemplo, fotos e bilhetes que não fazem parte dessa categoria de objetos. Logo, inferimos que, ao serem incluídas nesse ambiente, há certa apropriação do objeto alheio ao tomarem para si o desejo de alcançar ou agradecer pelo casamento, e isso se configura como memória coletiva. Memória coletiva e individual não se opõem, se completam, distintas, porém dependentes em sua existência. A memória individual toma posse de si desde o momento em que esta se insere em um grupo.



Figura 4- Ex-votos: grinaldas

Fonte: Foto da autora

Nossa compreensão vai ao encontro do pensamento de Halbwachs (2006), que vê a memória como entidade coletiva pertinente a um grupo ou sociedade, no qual a recordação e o reconhecimento são caminhos que apontam para o encontro da memória de si com a memória dos outros. Segundo Pollak (1992, p. 211), a memória pode ser compreendida, no primeiro momento, como um fenômeno individual. O autor ressalva, contudo, que ela deve ser vista “[...] como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”, consolidando-se no espaço, no objeto, na imagem, no suporte.

Nossas memórias se misturam às memórias coletivas, pois as vivências estão sempre rodeadas da presença do outro. Ao nos lembrar, nos recordamos de um eu, mas também do grupo de que fazemos parte, ao recordarmos da infância, não nos lembramos de nós, sozinhos, evocamos os primeiros ensinos, dos professores, da rua, dos pais, do quarto, da escola, dos irmãos, da primeira bicicleta, de quando, onde e de quem estava conosco nos momentos vividos. O filósofo francês Paul Ricouer apoia esse pensamento, quando se indaga sobre o papel dos *outros* no trajeto de atribuição de nossas memórias, ao afirmar que

[...] a ligação com os próximos corta transversal e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento... Em que sentido eles contam para mim, do ponto de vista da memória compartilhada? À contemporaneidade do ‘envelhecer junto’, eles acrescentam uma nota especial referente a dois ‘acontecimentos’ que limitam a vida humana, o nascimento e a morte. O primeiro escapa à minha memória, o segundo barra meu projetos. E ambos interessam à sociedade apenas em razão do estado civil e do ponto de vista demográfico da substituição das gerações. Contudo, ambos importaram ou vão importar para meus próximos. Alguns poderão lamentar minha morte. Entretanto, antes, alguns puderam se alegrar com meu nascimento e celebrar, naquela ocasião, o milagre da natalidade, e a adoção do nome pelo qual, a partir de então e durante toda a minha vida, designarei a mim mesmo. Entretentanto, meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade da estima. A aprovação mútua exprime a partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, o que chamo de atestação de *Si mesmo com um outro*. O que espero dos meus próximos, é que aprovem o que atesto: o que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações. (RICOEUR, 2007, p. 141 e 142).

Consoante todo esse processo de trazer as coisas do passado ao presente, podemos entender que essas memórias são constituídas por meio de lembranças individuais, privadas e coletivas, apoiadas pelas lembranças de outro, mesmo que estejam somente ligadas a eventos que somente nos pertencem. (RALBWACHS, 2006). Dessa forma somos parte de um todo. Levamos conosco, em nossas lembranças, as ações do outro mesmo na sua ausência.

3 CATEGORIZAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

3.1 Considerações sobre a categorização

Embora com a sua genética na Filosofia clássica, a categorização vem ao encontro dos interesses e pesquisas no campo da Ciência da Informação, principalmente, com base nas propostas de classificação que buscam estruturar os conhecimentos em grandes categorias, apresentando as relações entre eles. Esses estudos e pesquisas têm se intensificado principalmente nas áreas da Computação, das Ciências Cognitivas e da Linguística, quando propõem a estruturação e organização das informações, visando a resolver não só os problemas relacionados ao excesso de informação, porém a dificuldade para acessá-las. Esse problema mesmo tendo sido apontado em 1945 por Vanevar Bush e identificado como “explosão informacional”, ainda é preocupação para os estudiosos da CI e dessas outras áreas que tentam proporcionar ordenação na diversidade e complexidade de nomes, termos, conceitos, acompanhando todo o processo de metamorfose por que passou o termo informação, quando inserido em contextos diferenciados, seja pela cultura, arte, tecnologia etc.

Acompanhando essa inserção e inovação da categorização no tratamento e representação da informação, Bentes Pinto et. al. (2010a, p.?) acentua que

[...] esse ressurgimento é decorrente da chamada “explosão informacional” oriunda do desenvolvimento científico e tecnológico, que a partir das Tecnologias Eletrônicas da Informação e da Comunicação (TEICs) se intensificam cada vez mais, configurando-se no paradigma do excesso de informação e das dificuldades para acessá-las. Portanto, está no cerne das discussões em torno da representação do conhecimento e da informação, desde que essa representação não seja entendida como um mero aglomerado de informações, mas, como sendo uma linguagem estruturada que se constitui como um sistema lógico- simbólico que contempla aspectos dos conhecimentos implícito (tácito), explícito e criativo.

A categorização sempre esteve presente nas discussões dos filósofos da Antiguidade Clássica, desde os pré-socráticos. Considera-se Platão, no entanto, como um dos pioneiros a estabelecer classificação e categorização do mundo, de modo que o homem pudesse compreendê-lo e se deslocar sobre ele. Aristóteles (2000), na obra traduzida por Maria José Figueiredo, *Categorias*, traz a categorização como forma ontológica de estruturar o conhecimento, buscando dar luz a toda essa complexidade percebida hoje na sociedade e que já se anunciava desde o homem pré-histórico. Assim, estruturou os sentidos expressados por

intermédio das palavras em dez categorias: **substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão**. Inicia suas discussões mostrando as relações entre as palavras homônimas, sinônimas e parônimas. As palavras homônimas possuem a mesma forma verbal, porém, com sentidos diferentes. As palavras sinônimas são diferentes em sua forma verbal, mas designam sentido único. Já as parônimas são palavras parecidas na escrita, contudo, diferenciadas em seus significados. Corroborando esse filósofo, Bentes Pinto et al. (2010a, p. ?) assinala:

[...] os sentidos das palavras não são construídos de forma linear e definitiva, porém de modo arbitrário e por convenção, consequentemente, a produção desse sentido sofre influência das culturas. Em outras palavras, classificar as coisas e os objetos do mundo real em categorias conceituais não se constitui tarefa fácil, pois o caráter polissêmico de certas definições certamente poderá trazer dúvidas quanto à identificação de alguns conceitos.

Essa polissemia é presença constante identificada nos estudos de representação da informação, pois, ao lidarmos com a informação, e seus reflexos em uma sociedade plural, nos deparamos uma diversidade de palavras, imagens e objetos que receberam influência da cultura em que se inserem, trazendo a estes mudanças de forma e sentido.

3.2 Aplicabilidade da categorização filosófica aristotélica do contexto da informação em museus

3.2.1 Categorizar para o tratamento, organização, mediação e recuperação da informação

Com origem nas reflexões filosóficas, a categorização reaparece na sociedade contemporânea, sendo contemplada, principalmente, no campo da Ciência da Informação, Inteligência Artificial e Ciência da Computação, voltando-se para o tratamento, organização e recuperação da informação. Desde a sua gênese, a categorização propõe estruturar o conhecimento, a fim de explicar o mundo, visando a chegar à essência das coisas. Nessa nova modalidade, a categorização busca oferecer opções que possam contribuir para negar ou minimizar a entropia nos ambientes informacionais, como é o caso dos museus.

No âmbito da religiosidade e da arte popular, não poderia ser diferente, pois a categorização traz em sua proposta alternativas de tratamento, organização e recuperação de informação dos objetos museológicos representados, entre outras coisas, pelos ex-votos, no caso em lide, o Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE.

É no pensamento grego, representado, principalmente, pelas reflexões de Sócrates, Platão e Aristóteles, que as categorias foram propostas, visando a estruturar as coisas e os objetos do mundo, de tal modo que fosse possível seu melhor entendimento. Platão foi um dos pioneiros a estruturar categorias, objetivando à compreensão do conhecimento, por meio da enunciação dos seus gêneros supremos quais sejam: **o ser, o repouso, o movimento, o idêntico e o outro**. Seu discípulo Aristóteles, no livro *Órganon*, constituído pelos tratados *Categorias*, *Da interpretação*, *Analíticos Anteriores e Posteriores*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*, propõe as categorias, iniciando pelos conceitos homônimos, sinônimos e parônimos. Somente após esses tratados é que passa a explicar as categorias. Ora, a estrutura da categorização traz embutida em sua semântica a representação da informação, seja ela registrada em suporte biológico (espírito) ou em outros suportes físicos, analógicos ou digitais, por exemplo, as peças que compõem os ex-votos.

A todo o momento, mesmo de modo intuitivo, organizamos as coisas e os objetos do mundo, estruturando-os em conjuntos de conceitos “etiquetando-os” conforme a proximidade de senso. Neste sentido Vignaux (1999, p.73) garante que “[...] a história do pensamento é também aquela de uma lenta e paciente obstinação a classificar as coisas, os seres e os fenômenos, para dar um sentido ao mundo”. Corroborando esse autor, Bentes Pinto, Borges; Soares (2010b, p.?) dizem que

[...] a categorização contribui para que os seres humanos, enquanto sujeitos dinâmicos sejam produtores e consumidores de informações referentes ao seu entorno. Quer dizer, é pela capacidade de categorizar as coisas e os objetos do mundo que o homem pode armazenar em seu espírito, infinitos “bancos e bases de dados” contendo informações dinâmicas para serem consultadas cada vez que ele precise estruturar seu pensamento a fim de estabelecer seus fluxos de informação e de comunicação com seus semelhantes.

A categorização estrutura o conhecimento em classes e subclasses, de modo a racionalizar a compreensão dos micro e macroambientes do sujeito, ajudando-o a se deslocar em seus espaços. Logo, nossa maneira de ver o mundo é alicerçada nas categorias que já foram estruturadas de modo arbitrário ou naquelas que a nossa cognição estabelece para dar sentido ao nosso meio ambiente. Portanto, a categorização pode ser aplicada a todos os âmbitos da sociedade e permite associações com as nossas “leituras de mundo”, de modo a tecer os bilros das rendas entrecortadas pelos nós simbólicos da cultura.

4 A REPRESENTAÇÃO INDEXAL DOS OBJETOS MUSEOLÓGICOS

Ao longo da história, as imagens visuais, sons, e objetos adquirem enorme importância como fontes de informação, que trazem consigo memórias individuais e coletivas representantes de conceitos, tempos e fatos que se transformam em fontes históricas. Conforme Bentes Pinto, Meunier e Silva Neto (2008, p. 17), a importância e demandas desses objetos representativos não param de crescer ao longo do tempo, “legitimando-se nos domínios científico, técnico, histórico, artístico e econômico, dentre outros”. Esses autores asseveram, ainda, que, em se tratando das imagens visuais, a cada dia, elas se ratificam como fonte importantíssima de informação, “uma vez que desempenham papel fundamental não apenas para a preservação e o estudo da memória, mas também para a recuperação e a comunicação de informações e conhecimentos no contexto teórico e prático de vários domínios do saber”. (BENTES PINTO, MEUNIER E SILVA NETO, 2008, p.314).

Ao representar o documento não verbal, no caso das imagens, objetos, sons etc. é importante identificar e preservar sua essência dentro do espaço analisado, ou seja, o sentido dado a ele no contexto em que se encontra exposto. Descrevê-los em termos de sua polissemia não é tarefa simples. Dessa forma,

[...] a representação indexal de textos verbais ou não verbais é uma atividade que, a despeito de sua acentuada dimensão prática, relaciona-se a processos cognitivos. Trata-se de um fazer constituído por um conjunto de ações concernentes ao tratamento da informação contida nestes documentos, atribuindo-lhes etiquetas que possam representar o seu conteúdo, permitindo, não somente o acesso durante uma busca de informação em bases de dados, mas, também que o sujeito possa se deslocar sobre o documento mesmo, em sua natureza concreta, visando à recuperação posterior de seu conteúdo. A efetivação desta atividade envolve a leitura dos documentos seguindo-se a sua estrutura lógica ou física ou, ainda, segmentando-os em várias partes ou passagens para que possam ser identificados conceitos capazes de traduzir os assuntos ou temas neles tratados. Embora pareça simples, na realidade se trata de uma atividade complexa, visto que, em sua trama, estão envolvidas atividades de análise e síntese para a construção representacional dos conteúdos documentários. (BENTES PINTO, MEUNIER E SILVA NETO, 2008, p. 21).

Assim, um documento não verbal contém, dentre outros atributos, elementos de representatividade que envolvem a subjetividade humana, no caso dos objetos aqui analisados, os ex-votos, que podem também ser tomados a exemplos de outros objetos inseridos em ambientes dinâmicos. Esses elementos estão contidos em sentidos complexos e

interativos no que concerne à cultura da religiosidade popular, trazendo um conjunto de componentes sígnicos composto por vários discursos referentes aos atributos visuais de textura, tamanho, forma e cor, em que representar seu conteúdo nos parece um desafio que se estende além de palavras, na busca de uma recuperação eficaz.

Portanto, é notável o interesse sobre objetos e imagens em áreas de grande destaque no campo de CI, como as Ciências Cognitivas, na Museologia, Linguística, dentre outras, e cada vez mais se percebe que esses objetos representantes de uma abordagem não verbal, porém entrelaçada de textos, desempenham papel de destaque nesse campo, uma vez que constituem, no caso dos objetos aqui investigados -os ex-votos- a memória de um grupo, comunicando por meio de formas, contextos, cores, tamanhos, signos das doenças e curas, fé, paixão, devoção, proteção, conquistas e realizações profissionais e pessoais.

Ante a complexidade de investigar os objetos ex-votivos, e de buscar entender a carga emocional contida nas promessas expressadas, é possível se chegar a decisões ímpares de fatos que norteiam o universo da cultura no contexto da religiosidade popular, em que os devotos, agentes de uma inserção de sentido e de ressignificação de objetos da cultura material, desempenham seu papel, ao depositarem em tais objetos a graça alcançada, oferecendo um novo sentido às peças devotadas aos “santos” em agradecimento.

Esses objetos são documentos de valor para a composição dos fatos históricos, na medida em que os objetos e imagens se tornam elementos criadores de uma realidade viva e representativa das intervenções coletivas dos devotos por meio da materialização da fé. A exemplo, citamos o Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte-CE, campo de estudo desta pesquisa, cuja devoção está em torno da fé e devoção a figura do Padre Cícero Romão Batista.

4.1 Ex-votos: representação e construção de sentidos

Ex-votos são objetos depositados em igrejas e capelas, simbolizando a graça alcançada. Conforme o *Thesaurus para acervos museológicos*, idealizado por Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini, ex-voto é definido como “objeto de devoção pessoal”. (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p.273). Tradicionalmente, esses objetos são peças feitas de madeira, resina, gesso e metal, porém suas características embrionárias se modificam ao longo do tempo e entre as regiões. Segundo Abreu (2005), vários tipos de objetos – fitas, laços, cartões, fios de cabelos, fotos, objetos de valor material – podem constituir ex-votos, porém as

representações do corpo humano são mais frequentes, podendo ser produzidas em gesso, cera, plástico ou madeira. Afinal, conforme González de Gómez (2006, p.56) a partilha da experiência, de um tempo e de um mundo em comum, permite a elaboração de um repertório de saberes ao mesmo tempo único e plural, semelhante a uma cidade que não foi planejada por um só arquiteto, da qual nunca poderíamos afirmar nem onde começa nem qual seria sua última rua.

No entendimento de Oliveira (2007, p.?), “é difícil classificar os ex-votos em termos de forma, dada a diversidade dos tipos e materiais em muitas salas de milagres pelo mundo católico”. Um ex-voto pode ser categorizado sob a perspectiva forma e contextual ao mesmo tempo combinando a classificação. Os ex-votos também podem ser observados pelo viés “de duas categorias: a primeira é a mágica, que corresponde a estágios iniciais de relacionamento com o divino e a segunda é a mágico-religiosa, que tem como forma de expressão a paraliturgia popular”. (SILVA, 1981, p.67). A tipologia, em especial a observada no Museu Vivo do Padre Cícero, abrange toda a riqueza e diversidade encontrada nas peças ex-votivas. Esses elementos simbólicos da religião apresentados de formas variadas vem ao encontro do que propõe Silva (1981, p. 137). Esses objetos vão desde os tradicionais objetos de madeira representando partes do corpo humano, passando pelos bilhetes, cartas, equipamentos médicos, documentos fotográficos e imagens, aos objetos únicos e pessoais representando a graça alcançada ou pedida, como vestimentas e réplicas de casas, até mesmo objetos orgânicos como cinzas de pessoas já falecidas. Nas figuras 5, 6, 7 e 8, essa variedade de ex-votos pode ser constatada.



Figura 5- Ex-votos: seio de madeira
Fonte: Foto da autora



Figura- 6- Ex-votos: parte do corpo humano (pernas, pulmões, mãos, cabeça etc.)
Fonte: Foto da autora

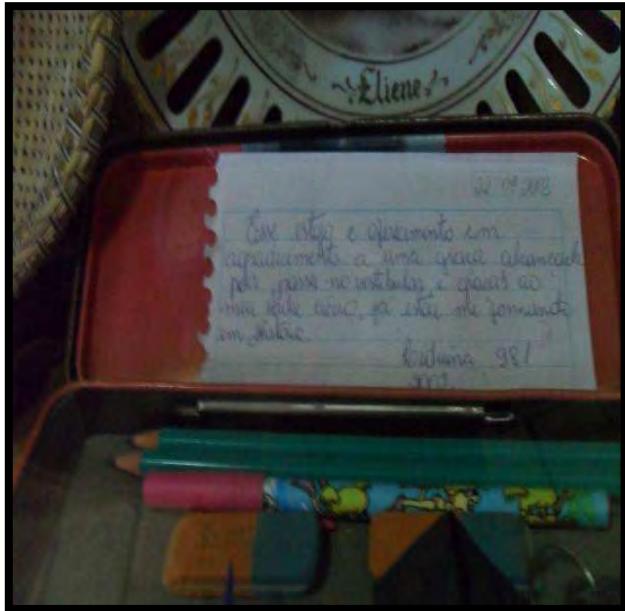


Figura- 7- Ex-votos: Estojo de lápis
Fonte: Foto da autora



Figura- 8- Ex-votos: vestido nupcial
Fonte: Foto da autora

Toda essa diversidade de objetos simboliza atos e ações oriundas da subjetividade humana, idealizada e criada pelos devotos que em seu conjunto representam as estruturas sociais de um povo ou região. Em conformidade, Oliveira (2009, p.29) assevera que

[...] os documentos apresentam-se como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar, e de (re)construir sua identidade sob a forma de uma organização, possibilitando uma releitura escritural de uma intimidadeposta.

Assim, em um diálogo travado entre a Ciência da Informação e a Museologia, os ex-votos se expressa como fonte fundamental e representativa da relação cultural e religiosidade popular de devotos, objetos carregados de referências que

[...] apontam para as práticas de coleta, seleção, classificação, documentação e demais procedimentos teóricos e instrumentais a que são submetidos os vestígios e fragmentos – “pedaços do mundo físico” – incorporados às práticas museológicas. Ao ingressar nos museus, o objeto encontra-se, de maneira geral sobre-codificado pelos enfoques da área do conhecimento responsável pelo seu estudo. Ainda assim são os agentes museológicos/profissionais da informação que, através das ações exercidas sobre tais elementos, encarregam de articulá-los a significados e sentidos. (LOUREIRO; LOUREIRO, L; SILVA, 2008, p.?).

Conforme Azevedo Netto (2008, p.?), sendo esses elementos “formas de representação pública, já que foram produzidas em um espaço intersubjetivo, atuando nas estruturas cognitivas daqueles que interagiram com essas figuras”, relacionamos toda essa estrutura proposta pelo espaço museológico sobre como se efetivam a organização, estrutura e temática do espaço do Museu Vivo do Padre Cícero na constituição de um sentido não mais de devoção, porém, de um outro. E é aí que contemplamos as percepções da memória coletiva, em que esses objetos caracterizados como ex-votos passam por transformação, ao serem inseridos em um espaço museológico, adquirindo o caráter de objetos não mais de devoção, porém, agora, de objeto museológico. Pelo fato de que esses objetos museológicos adquirem significados, saem da condição original de objetos de devoção.

Ao tratar esses objetos como “representação” de algo, trazemos a importância do conceito que esta palavra traz em sua essência. Dessa forma,

[...] o significado que a palavra representação encerra não é de origem tão recente conforme parecem imaginar alguns. Muito pelo contrário, ela sempre esteve presente no espírito humano, pelo menos, desde a Pré-história quando os homens primitivos, em suas práticas cotidianas, buscavam possibilidades de comunicação através da criação de imagens, objetos ou ideogramas; assim como da escrita cuneiforme dos sumérios e dos hieróglifos produzidos no Antigo Egito”. (BENTES PINTO; MEUNIER, SILVA NETO, p. 17, 2008).

No contexto da semiótica peirciana, é o signo que desencadeia a representação, uma vez que ele é percebido como sendo “[...] algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém”. (PEIRCE, 1999, p.357). Observa-se em seu conceito que o signo está em lugar de outra coisa, uma relação significativa e proposital entre o objeto e seu significado, o que representa. Podemos perceber também em Paul Ricoeur (2007, p. 289) que “a palavra ‘representação’ condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos”.

Identificamos pelo discurso que se extrai dos ex-votos, com suas significâncias e representações, um diálogo estreito com a representação da informação onde o museu, se coloca diante de uma construção coletiva de ditos e não-ditos, permitindo como instância mediadora de bens simbólicos, feita dos saberes oficiais, institucionais e dos saberes

informais entender a identidade dos objetos que o compõem, impregnado das histórias, causos, crenças e das experiências de vida de cada devoto.

Conforme Bentes Pinto; Meunier, Silva Neto (2008, p. 17),

[...] não é a presença do objeto em si mesmo que lhe confere o estatuto de sua representação, mas, sobretudo, a presença de uma ideia (consciência interpretativa) do indivíduo sensível que age sobre esta coisa ou sobre este objeto, lhe conferindo sentido a fim de produzir uma representação concernente a esta coisa ou este objeto que ele percebe no mundo.

Todos esses desdobramentos se justificam na proposta aristotélica de categorização, na medida em que estão disponíveis ao tratamento e organização da informação pelos agentes e profissionais da informação, estruturando os conceitos representados em torno dos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero.

5 RELIGIOSIDADE POPULAR: PROMESSA E DEVOÇÃO EM JUZEIRO DO NORTE-CE

Para compreendermos as emoções motivadas pela devoção e fé contidas nos objetos ex-votivos representados pelas promessas de curas, proteção e realizações alcançadas, manifestações essas que materializam a fé por meio do objeto, faz-se mister um estudo da religiosidade popular, prática observada nas manifestações encontradas em Juazeiro do Norte, vinculada nas promessas, romarias, procissões, festas religiosas etc.

Conforme Câmara Neto (2002, p. 2),

[...] a religiosidade popular, portanto, não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica – incluindo-se aí toda a documentação oficial da Igreja e todos os teólogos elaboradores da doutrina –, independência essa ao caráter sistemático do catolicismo oficial, materializada em uma explosão quase íntima ao “sagrado”, humanizando-o, sentindo-o próximo, testando-o e sentindo sua força por métodos criados, não pelo clero, mas pelos próprios devotos, métodos esses que são transmitidos, em sua grande totalidade, oralmente. Em suma, o vivido em oposição ao doutrinal.

A religiosidade popular, como observado nas palavras do autor, é vista dentro das práticas religiosas do catolicismo oficial como transgressão aos dogmas e doutrinas, como ação profana, recebendo influência de suas origens desde as primeiras manifestações de tal prática no período colonial que geraram tais movimentos. Apesar de o termo “popular” ser ainda usado como um conceito pejorativo, ligado às camadas socialmente subalternas, oriundas do século XIX, segundo Cezar (1976), ligado à representação do supersticioso, do grosseiro, do vulgar, a religiosidade popular e o catolicismo oficial sustentam-se em base comum: a noção do sagrado, da devoção e fé.

Conforme o entendimento de Azzi (1987), não há unanimidade no diálogo sobre religiosidade popular, sua herança ligada aos cultos pagãos e experiências místicas, burlando os ditames da ortodoxia e a unicidade da religião católica. Em consequência, nasce o catolicismo popular que desestrutura tal ortodoxia e sob um olhar suspeito, que perpassa um fio tênu entre o profano e o sagrado, e divide opiniões quanto ao seu conceito e ao que pretende ser. Isso decorre das origens e práticas da religiosidade popular no Brasil que tem por alicerce heranças da fé católica em Portugal, impregnada de influências de grupos étnicos, vindos das culturas e religiões islâmicas e africanas, com seus rituais místicos, que aos poucos tornaram Portugal berço de uma religião híbrida. Muitos dos cultos religiosos eram praticados

pelas zonas rurais, voltadas à natureza, onde desenvolviam práticas pagãs, ligadas às crenças primitivas, sendo assim desconsiderados pela fé católica como movimentos culturais e religiosos. Estes continuaram, porém, a se manifestar, de forma sincrética ou mesmo camuflada, mediante de “formas populares de fé católica, como as festas de santos e romarias”. (ID. IBID, p. 79).

O Brasil, colonizado por Portugal, na medida em que as trocas comerciais e as excursões marítimas foram se consolidando, recebe como herança intensiva influência para práticas religiosas que vão de encontro às práticas ortodoxas católicas e se aproximam das manifestações místicas, nas quais os santos eram invocados para toda e qualquer situação, fazendo relações com o sobrenatural. Surge um catolicismo popular, voltado à invocação de um ser protetor, para a cura imediata, para a resolução dos problemas, mediante os anseios do povo, que se manifestava por meio de pedidos e agradecimentos em festas, cultos, romarias etc.

Nesta perspectiva que vincula a religiosidade popular a um ser protetor, um santo, tem - se aí a manifestação da vontade do povo, na crença autônoma da realização do pedido feito, onde a fé do devoto na providência do santo o leva à conformidade da aceitação ou não da cura, da proteção, do desejo a se realizar, como aborda bem Rolim (1997, p.?) ao afirmar que

[...] este catolicismo popular, cujas práticas não têm conexão orgânica com as práticas sacramentais, e cujas crenças constituem pólos mais ou menos autônomos de religiosidade, acha-se de um lado intensamente embebido de emoção e, do outro lado, nele se instala o sentimento de abandono um tanto passivo à Providência. A crença vivida pelo povo, compreendendo a categoria alta e a baixa, de que o que acontece é porque Deus quis assim, exprime uma ideologia religiosa com funções ambivalentes. Para as camadas baixas da população, afogadas na subnutrição, na mortalidade infantil em grau elevado, na precariedade de condições de saúde, de higiene e de recursos para enfrentarem suas dificuldades, a crença no fatalismo - tinha de acontecer e Deus quis assim, é uma ideologia que as acomoda à situação social em que vivem. O santo aparece como o protetor, que acode nos momentos de dificuldade, mas não os retira desta situação. Para os da camada mais abastada, os bem sucedidos nos negócios, mesmo escusos, os ricos, os donos de muita coisa, a crença no Deus quis assim, é também uma ideologia religiosa que os confirma na sua situação. E o santo é o protetor que os protege para que as coisas continuem bem, para que a riqueza aumente mais e com ela o conforto e o luxo. Podemos dizer que esta ideologia religiosa ambivalente favorece inegavelmente as classes dominantes, e para a classe dominada serve de acomodação, de submissão, de entorpecente. Entre uns e outros, o santo cultuado, implorado, carregado nos andores de procissão, não é o santo, isto é, o santo da história, que lutou contra o egoísmo de si e dos outros, contra a falsidade e a exploração.

Observando as características e ações traçadas ao longo do tempo dessa prática religiosa, são notórias as manifestações da religiosidade popular no universo escolhido da nossa pesquisa. Essa prática religiosa carrega em sua semântica um universo rico de conteúdos simbólicos, que culminam em uma reapropriação das tradições religiosas cuja autoria está na comunidade-romeiros, devotos, penitentes-como expressão de devoção e fé.

A cidade de Juazeiro do Norte-CE é um exemplo típico desse tipo de manifestação, produzindo uma sucessão de eventos que marcam a religião católica popular local, por meio de romarias, como se vê nas figuras 9 e 10, pagamento de promessas, penitências, milagres, procissões, festas etc. verdadeira tradição cultural.



Figura- 9 - Romaria em Juazeiro do Norte-CE
Fonte: Foto de Thiago Gaspar – Jornal Diário do Nordeste



Figura- 10- Romaria de Finados em Juazeiro do Norte-CE
Fonte: Foto de Thiago Gaspar – Jornal Diário do Nordeste

Paz (2004, p.14), nos diz que “devoção e culto aos santos e almas, [e] as crenças e as práticas desta forma de catolicismo viabilizam a relação direta entre o santo e o fiel, sem a necessidade de interferência de sacerdotes”. Vê-se aí a presença do profano, do secular, onde a idealização aos santos coloca-se acima de Deus, ocasionando muitas vezes o esquecimento e passando a largo os dogmas e doutrinas do catolicismo oficial.

É marco dessa religiosidade popular o milagre ocorrido com a beata Maria de Araújo em 1889, que passou a ter experiências sobrenaturais, entrando em transe ao receber de Padre Cícero a hóstia da comunhão, onde as hóstias recebidas sangravam, e esse fenômeno passa a ser considerado como milagre por parte da população. Em 1934, depois da morte de Padre Cícero, surge a devoção à sua figura. Gerando relatos de sua aparição. O padre foi

considerado santo pelo povo de Juazeiro do Norte e o responsável por inúmeros milagres, através da cura de doenças e desejos realizados.

Juazeiro do Norte é uma cidade que tem no padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e nos acontecimentos políticos da região do Cariri. Graças a ação do patriarca, ela é considerada uma das maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo milhões de romeiros todos os anos. (SANTANA NETO, 2011, p. 5).

Padre Cícero também é considerado um empreendedor no crescimento da cidade de Juazeiro no Norte e cercanias, pois, em virtude da religiosidade popular, manifestada pelo catolicismo popular, como observa Santana Neto (2011, p. 5), o

[...] movimento migratório desencadeado pelo ‘milagre de Juazeiro’ que fez com que aquele povoado tivesse sua população multiplicada rapidamente. A figura do padre assumiu características místicas atraindo milhões de romeiros. Crescentes multidões de fiéis vinham a Juazeiro em busca dos conselhos e das bênçãos do ‘Padim Ciço’.

A respeito do “santo”, também conciliador e empreendedor, podemos ver por meio das fontes biográficas um homem que perdoava devotos, ao mesmo tempo em que apaziguava as violências cometidas pelos coronéis. Segundo Araújo (2005, p. 64), a

[...] ação econômica do Padre Cícero, pautada em assegurar a subsistência mediante as limitações materiais, esteve presente em toda a sua atuação religiosa. A presente dimensão constitui um dos pilares de sustentação da concepção de desenvolvimento do Padre Cícero pautada no trabalho e fé.

A autora ainda acentua que a “benção do Padre Cícero se constituía uma permissão, uma senha para a prosperidade nos negócios”. (ID. IBID, p.65).

A relação trabalho e fé pode ser observada nas credices, superstições e supostos milagres de Padre Cícero, que são narrados pelas diversas literaturas. Muitos desses causos relatados pela tradição oral de devotos e antigos moradores de Juazeiro do Norte nos contam sobre a relação de Padre Cícero e o nascimento da festa de Nossa Senhora das Candeias. Conta-se que, em Juazeiro do Norte, um de seus afilhados, que possuía uma sucata, foi ao encontro do Padre queixar-se de estar em dificuldades financeiras, pois, seu ofício não estava mais gerando renda para o sustento de sua família. Foi então que Padre Cícero, em um de seus conselhos, e na missa do domingo, convocou os devotos para a procissão de Nossa Senhora das Luzes e que todos levassem, em vez de velas, lamparinas. O sucateiro trabalhava dia e noite para atender aos pedidos. Em conformidade com tal dito popular Araújo (2005, p. 73)

afirma em sua tese de doutorado que a romaria ainda é comemorada, “mantendo a tradição do uso da lamparina e, os artesãos de Joazeiro do Norte reverenciam o Padre Cícero enquanto mentor, o que orientou para o trabalho e o gosto estético refinado”. A convocação da procissão mobilizou a cidade, atraindo romeiros, movimentando todo o comércio: restaurantes, hospedarias etc. As sucatas prosperavam, os artesãos fabricavam apetrechos em prol da procissão. E assim prosperava Juazeiro do Norte.

Della Cava (1985) destaca o crescente desenvolvimento de Juazeiro do Norte, por ele denominado de “vila santuário”, onde milhares de romeiros instalaram residência fixa, na cidade do “Padim”, gerando em menos de 20 anos um polo de destaque agrícola, comercial e artesanal por meio da fé em busca de trabalho e prosperidade. O que parecia uma convocação para um ato religioso se tornou novamente, como no acontecido “milagre da hóstia”, um salto para o desenvolvimento empreendedor de Juazeiro do Norte.

Rios (2011, p.151) reflete a respeito do Padre que virou santo-Padre Cícero-afirmando que “no Vale do Cariri, foi canonizado pelo povo mesmo antes de morrer, provando que para um santo existir, basta apenas a vontade dos fiéis”.

Assim, a imagem do Padre Cícero é referência na dinâmica social local, fazendo surgir extensas romarias pela cidade e o fluxo de peregrinos, denominados de romeiros que enriquecem Juazeiro do Norte junto à imagem do santo popular, nas casas, praças e estabelecimentos comerciais. Com relação às romarias, Espírito Santo (1990, p. 137) afirma serem “festas que tem lugar nos santuários populares (...) completamente distintas daquelas que a Igreja organiza nos santuários por ela controlados”. Neste sentido, é possível vislumbrar a oposição entre as práticas da religiosidade popular e o catolicismo oficial.

De acordo com Cordeiro (2008, p. 6),

[...] nas cerimónias locais, romeiros e moradores partilham igual devoção e se aproximam por práticas comuns e comportamentos semelhantes, mas estão em lugares sociais distintos. Para o morador a participação em cerimónias corresponde ao cumprimento de uma obrigação religiosa quotidiana, periódica ou comum. Para os romeiros estar ali é excepcional, “é a felicidade maior do mundo”, emoções são vividas com intensidade, participam da força do grupo e vivenciam um sentimento que não é comum na vida quotidiana.

Seguindo esse raciocínio, Berger (1985) discorre sobre essa relação entre devotos, que são trazidos pelas romarias ao acentuar que as romarias, carregam em si um sentido de busca, ao permitir que o devoto tenha um encontro com supremo, com o ideal. Embora sejam

motivadas por motivos íntimos e pessoais, as romarias não configuram trajetória percorrida individualmente, mas do universo simbólico criado por todos e reflexo de processos sociais mais abrangentes, na medida em que determinam condutas e práticas sociais referentes a papéis e identificações reconstituídas por meio da participação do indivíduo no cenário social; ou seja, em uma ação coletiva, que tece interações religiosas e culturais.

Assim, é possível observar as apropriações coletivas, tanto no que diz respeito aos espaços tomados pelas romarias, e que foram modificados para receber os romeiros oriundos de outros locais, seja do entorno de Juazeiro do Norte, de estados vizinhos, de outras regiões ou até mesmo de fora do país; como também nas mudanças que essa religiosidade popular reflete no caso dos ex-votos, ao serem transportados das igrejas, capelas e salas de oração, lugares sagrados, para espaços como os museus, fugindo do aspecto sacralizado para adentrar espaços alheios à religiosidade. Esses espaços, como no caso específico aqui estudado, assumem características mistas de sua funcionalidade. São tomados pelos devotos do “santo popular” como “território simbólico”, sagrado, de fé, curas, devoção, preces e louvores, uma espécie de santuário e não só como espaço de exposição, apreciação e manufatura dos objetos expostos. A esse respeito Oliveira (2006, p. 49; 56 e57) nos diz que

[...] é fundamental ter em mente uma conceituação coerente desse território simbólico e contemporâneo chamado santuário. Trata-se do lugar privilegiado de busca do sagrado como dimensão espiritual, mística e sobrenatural da existência. Portanto, os santuários não são, necessariamente, o sagrado, mas tão somente mais uma localidade privilegiada para experimentar essa sacralidade. Dito de outro modo: os santuários são mediações do sagrado. [...] a prática devocional do catolicismo popular nasce no posicionamento e na fixação da imagem do Santo, que, além de poder ser vista dentro e fora do templo, pode ser frequentemente tocada, demarcando a intimidade da devoção [...] Os espaços que lembram um líder religioso podem suscitar reverência ou ganhar autonomia de devoção [...]

É válido salientar que Padre Cícero é o ícone de toda essa religiosidade popular manifestada em Juazeiro do Norte. Aí, a imagem do homem considerado “santo” pelo povo não está presa aos espaços sagrados, como igrejas e capelas. Muito pelo contrário, se espalha por toda a cidade, ou mesmo fora das fronteiras da região caririense, fixada em praças, exposta nas lojas do comércio, em oratórios erguidos nas próprias residências dos devotos, em miniaturas presas a chaveiros etc. Tudo isso demarca essa prática devocional na qual se percebem a apropriação e a ressignificação do sagrado. Essas reflexões são ratificadas por Hoffler (2011, p. 60 e 61) ao reafirmar essa apropriação e modificação do espaço sagrado, quando fala a respeito dos oratórios domésticos nas próprias residências:

O culto foi adotado por todos os lares no Cariri. A imagem do Sagrado Coração de Jesus encontra-se na parede que se localiza em frente à porta de entrada das casas dos nordestinos. À sua volta, inúmeras imagens de santos complementam a Corte celeste para a qual se dirige à piedade daquele lar. A partir do momento da Entronização, o Sagrado Coração é tido como o dono da casa. Flores frescas lhes são oferecidas, um lampião é mantido aceso para iluminá-lo. Nesta sala de honra do Sagrado Coração, não se fuma, não se bebe, não se pronunciam palavras feias nem se fala da vida alheia. Jogo, televisão e namoro ali também são proibidos. Nesta sala é preciso afastar tudo aquilo que lembre os pecados, ela deve ser constante *aide-mémoire* para a Salvação. As imagens que circundam o Sagrado Coração de Jesus nos altares domésticos também trazem exemplos de vida piedosa. É preciso observar que a imagem tem um caráter didático. A apreensão de sua mensagem se faz rapidamente, sem necessidades de grandes explicações. Quando a *Devotio Moderna* propõe que a casa se torne lugar de santificação e que os oratórios domésticos sejam espaço de oração e espiritualidade, há a transformação de cada lar em um templo.

Podemos observar tais práticas nas figuras 11, 12, 13 e 14, onde representam respectivamente, a imagem do “santo popular” em Juazeiro do Norte na frente de uma loja comercial, na praça principal da cidade, que leva o nome de “Praça Padre Cícero”, diante de um restaurante e um oratório na residência de um devoto, fatos esses bastantes corriqueiros na paisagem de Juazeiro do Norte-CE.



Figura- 11- Imagem do padre Cícero em loja comercial na cidade de Juazeiro do Norte.

Fonte: Foto da autora



Figura- 12- Imagem do padre Cícero na principal praça da cidade de Juazeiro do Norte que leva o nome do “santo”.

Fonte: Foto da autora



Figura- 13- Imagem do Padre Cícero em um restaurante na cidade de Juazeiro do Norte.

Fonte: Foto da autora



Figura- 14- Imagem de dois oratórios em residências na cidade de Juazeiro do Norte.

Fonte: Foto da autora

Essa realidade nos habilita a ratificar nossa compreensão de que os objetos ex-votivos como manifestações dessa religiosidade estão cada vez mais em processo de constante transformação, onde qualquer objeto, estando relacionado ao pagamento da promessa do devoto, não importando tipos e formas podem ser incluídos na categoria de objeto ex-votivo.

Como manifestação da religiosidade popular em torno de fenômenos como curas e milagres, as variações das peças, como veremos em nossas análises, são fruto de um sentido plural, de um olhar coletivo que transforma o profano em sagrado, por intermédio da graça alcançada, seja na imantação da doença-ato de marcar na peça ex-votiva o mal afligido- no pedido de proteção ou na representação do desejo realizado.

Com tudo isso, a hegemonia do conceito de religiosidade popular está ligada muito mais a um conceito regional, ou mesmo nacional, do que universal (CÂMARA NETO, 2002, p. 6). Assim, não é possível definir de forma unânime o termo religiosidade popular, apenas apresentar alguns conceitos comuns que se manifestam em universos diferentes, já que esta é impulsionada no coletivo, recebendo reflexos socioculturais, ora de maneira intensa, ora de forma mais sutil nas regiões onde há reflexos desse tipo de religiosidade.

6 METODOLOGIA

De cunho social, esta pesquisa se apoia em uma metodologia baseada na interpretação qualitativa dos fatos e fenômenos percebidos durante a investigação. Buscando a aplicabilidade de métodos e estratégias que de longe perpassam a visão positivista, optamos por aqueles mais analíticos que visem à interpretação dos sentidos, vislumbrando “um caminho de análise de significados dentro de uma perspectiva das correntes compreensivas das ciências sociais que analisa: palavras, ações, conjunto de interrelações, grupos, instituições, conjunturas, dentre outros corpos analíticos”. (GOMES et. al., 2005, p. 189).

A análise qualitativa deste estudo privilegia uma abordagem em que se consideram subjetividade das relações percebidas no campo de estudo, a reflexão em torno do dinamismo e metamorfose dos objetos da pesquisa.

Visando a uma extração melhor da análise e resultado dos dados desta pesquisa e compreensão do sentido dos objetos a serem investigados, com base nos argumentos aqui apresentados, fizemos a escolha metodológica acerca da qual discorreremos.

6.1 Tipo de pesquisa

Este ensaio se caracteriza como pesquisa qualitativa. Conforme Flick (2004, p. 25), “é um processo contínuo de construções, de versões da realidade, cujo foco não é apenas o fenômeno estudado em si, mas o relato ou discurso do sujeito de pesquisa sobre o fenômeno vivido ou presenciado por ele, e que é este o verdadeiro objeto da pesquisa”. Para Minayo (2004, p. 22), a abordagem qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. A pesquisa qualitativa visa à compreensão e à reflexão acerca dos sentidos dos fenômenos a serem investigados e propõe uma visão mais apurada dos aspectos sociais dos envolvidos na pesquisa, como é o caso da nossa visão sobre o fenômeno ex-votivo.

De natureza descritiva, a pesquisa tem por finalidade “identificar as características de um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos”. (BRAGA, 2007, p.25). Com efeito, nos debruçamos na busca de compreensão sobre os ex-votos e sua grande importância para o Nordeste Brasileiro, de modo geral, e, em particular, para a região do Cariri Cearense.

6.2 Método

Com vistas a investigar mais profundamente os objetos de pesquisa, valemos-nos da triangulação metodológica, na perspectiva de melhor apreensão dos fenômenos em torno dos ex-votos, suas variações e significados, pois a triangulação processa-se por meio do diálogo de variados métodos, técnicas, fontes e pesquisadores. A proposição de Fortin (1996 p. 318) traz a triangulação como “o emprego de uma combinação de métodos e de perspectivas que permitem extrair conclusões válidas à propósito de um fenômeno” Ainda conforme esse autor, a triangulação pode ser operacionalizada segundo quatro tipos:

a) triangulação dos dados- leva em consideração o tempo, o espaço, a pessoa e as fontes. Todos esses elementos estão presentes na categorização aristotélica e, naturalmente, em nossa proposta. Assim, com relação ao espaço consideramos o local onde os ex-votos estão arquivados, enquanto o tempo é por nós definido como rotativo, uma vez que no Museu do Padre Cícero, há uma dinâmica com relação as exposições das peças. Já no tocante à triangulação relacionada à pessoa, observamos que, no ambiente do “Casarão”, as peças ex-votivas dizem respeito ao indivíduo, ao grupo e à comunidade. No aspecto referente a fontes de informação, os ex-votos são considerados, tanto do ponto de vista dos tipos e quantidades das peças, como também dos materiais, cujas peças são feitas, e dos *designers*.

b) triangulação de pesquisadores- no caso em foco- não há uma equipe de pesquisa, portanto, esse tipo não se aplica a este estudo;

c) triangulação das teorias- o quadro teórico desta dissertação busca apoio em vários estudiosos a fim de compreender o objeto de estudo concernente à pesquisa em baila; e

d) triangulação dos métodos- foram empregados mais de um método, de modo que a pesquisa empírica fosse mais bem embasada e também pudéssemos compreender as representações simbólicas que perpassam o âmbito do fenômeno ex-votivo.

Delineamos nossa pesquisa com arrimo nos métodos comprehensivos. No Interacionismo Simbólico, na medida em que os objetos – em termos de seus sentidos – são criações sociais, ou seja, são formados com amparo na definição e interpretação pela interação humana. (HAGUETTE, 2007). Vemos, pois, a relação entre ex-votos e devotos como criação e transformação de sentido, representada por um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas (HAGUETTE, 2007). Na Etnometodologia-pois nos guiará na análise dos fatos relatados pelos devotos na busca de identificar os “métodos” que as pessoas usam na sua

vida diária a fim de constituir a realidade social. Neste sentido, nos deslocamos em longos passeios que fizemos pela cidade de Juazeiro do Norte, a fim de buscar subsídios para a compreensão da representação simbólica do fenômeno da religiosidade popular nessa cidade. Também, por vários momentos, visitamos esse espaço, tentando identificar a variedade de tipos de documentos ex-votivos a fim de obter subsídios que contribuíssem para nossa proposta de categorização.

Aliado à Etnometodologia, trabalhamos também com análise de conteúdo, tomando como referência principal Bardin (2002, p. 38), que entende essa técnica como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Portanto, esse tipo de análise é um elemento importantíssimo para entendimento dos atos significantes estabelecidos em torno dos ex-votos na análise dos bilhetes deixados junto aos objetos, bem como as inscrições em muitas das peças do Museu.

Todos esses métodos nos deram sustentação para compreender a pesquisa empírica de modo a nos apropriar do objeto de estudo, a fim de que fosse possível constituir as categorias conforme a proposta aristotélica que embasa o aspecto pragmático desta dissertação.

6.3 Procedimentos para a coleta de dados

Para a coleta de dados, respaldamo-nos na técnica de observação não participante, pois, segundo Richardson (1999, p.260), ela pode “sugerir diferentes metodologias de trabalho, bem como levantar novos problemas ou indicar determinados objetivos para a pesquisa”. Assim, fizemos diversas visitas ao Museu Vivo do Padre Cícero, tanto em período de romarias, bem como em dias considerados comuns, embora nunca o sejam, pois todos os dias ocorrem visitas a esse espaço, não no sentido cultural, porém, na crença que os romeiros têm para alcançar graças ou pagar por aquelas já concretizadas. Também realizamos várias caminhadas pela cidade de Juazeiro do Norte, a fim de observar a etnografia da presença real das imagens de Padre Cícero pela cidade e o simbolismo da representação social dos seguidores de Cícero Romão Batista. Todas essas observações foram anotadas no diário de campo, no intuito de investigar o sentido do objeto de estudo de forma plena, minimizando os conflitos e tensões nas interpretações e conclusões sobre os dados da pesquisa.

Para termos acesso ao estudo empírico, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, cuja declaração de aprovação encontra-se em anexo.

6.4 Estudo de caso: o Museu do Vivo do Padre Cícero

Além de nossas caminhadas pela cidade de Juazeiro do Norte, concentramos o estudo empírico no Museu Vivo do Padre Cícero. Os estudos de caso são originários das pesquisas da área de medicina, principalmente, nos chamados caso de Hipócrates, e foram se infiltrando em outros campos de saberes. No entendimento de Gonçalves e Meirelles (2004, p. 47), os estudos de caso “são adotados para aqueles fenômenos ou problemas que apresentam características peculiares, alguma idiossincrasia com destaque para que justifique o esforço de pesquisas simples sujeito ou de uma situação particular”. Além do mais, Godoy (1995, p. 25) percebe esses estudos “[...] como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente e objetiva o exame detalhado de um ambiente”. Entendemos que essa estratégica metodológica pode bem ser aplicada ao nosso objeto de estudo.

A respeito dos critérios de seleção dos casos a estudar, Stake (2005, P. 17) propõe: “Pode ser útil selecionar casos típicos ou representativos de outros casos”. No entanto, deixa claro que “a investigação com estudo de casos não é uma investigação de amostras”. É bom lembrar que “Por vezes um caso típico funciona bem, mas frequentemente um caso pouco habitual torna-se ilustrativo de circunstâncias que passam desapercebidas nos casos típicos”.(ID.IBID).

Esse museu está registrado no IBRAM por meio do Cadastro Nacional de Museus, também conhecido popularmente como o “Museu do Casarão” localizado no bairro do Horto em Juazeiro do Norte-CE. Nesse Museu, a temática gira em torno dos ex-votos trazidos pelos devotos e cuja devoção está aliada à figura do Padre Cícero Romão Batista, personagem de referência dos moradores e devotos de toda a região Nordeste, em particular, do Cariri, e especialmente da cidade de Juazeiro do Norte, campo empírico desta pesquisa.

O Casarão (Figura 15) foi construído em 1907 e está localizado no bairro do Horto. Este espaço serviu de morada e lugar para os descansos do Padre Cícero Romão Batista, que o considerava local de reflexão, pois o fazia lembrar da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo (SANTANA, 2009, p. 78). O Horto foi ainda morada de beatos e hoje oferece ao

romeiro que o visita uma subida, caminhada de fé, de oração e penitência (BARBOSA, 1992, p. 15).



Figura-15 - Faixada do Casarão: o Museu Vivo do Padre Cícero

Fonte: Foto da autora

O Museu Vivo do Padre Cícero foi inaugurado no dia 21 de julho de 1999. Situado em torno da estátua do Padre Cícero, obra do artista Armando Lacerda. A edificação do Casarão tem um grande valor espiritual. Embora seja de natureza privada, pois é mantido pela Entidade dos “Afilhados do Padre Cícero”, ainda assim, ao visitar esse espaço, a primeira impressão que temos é de que se trata de um museu público; afinal, não é cobrada nenhuma taxa para se entrar e muito menos para se deslocar nas diversas salas onde os ex-votos estão armazenados.

O Museu retrata a vida do Padre Cícero na casa onde ele morou, por meio de personagens, feitas de resina de poliéster (cabeça e mãos), à imagem e semelhança do grande sacerdote do povo caririense. Essas obras de artes foram criadas pelo artista plástico pernambucano (radicado na França) Mozart Albuquerque Guerra. Em salas e quartos, que

recortam toda e estrutura do museu, encontram-se as imagens da vida do Padre Cícero, em momentos diferentes, conforme apresentado na figura 16.



Figura- 16 – Cena retratada da vida do Padre Cícero feita de resina e poliéster
Fonte: Foto da autora

Considerado um museu de arte religiosa seu acervo é composto por peças religiosas como oratórios, imagens de santos etc. bem como pelos objetos ex-votivos. A classificação dos ex-votos, universo de nossa investigação, é feita por tipo de material: peças de madeira representando partes do corpo humano. Com raríssimas exceções, estas perpassam toda a extensão do museu, fotos, roupas, quepes militares e bonés, vestidos de noiva e outros objetos do cotidiano, representativos da religiosidade popular, que assumem uma nova representação, tornando-se objeto de devoção, como estojos de canetas, réplicas de casas e sítios, brinquedos como bonecas e carros etc, assumindo o terceiro sentido – o de objeto museológico.

As peças de ex-votos que chegam ao Museu Vivo do Padre Cícero são deixadas em um altar (figura 17), onde se encontra uma imagem do santo popular de joelhos, erguido ao centro do museu. Ali os devotos depositam, aos pés do “Padim Ciço” - apelido carinhosamente dado ao “santo” – o pagamento de suas promessas, agradecendo a graça

alcançada. Em algumas visitas, perguntamos aos guias do museu se eles sabiam a quantidade de ex-votos que chegavam diariamente. A resposta foi simples: “olhe aí!” - apontando para o altar – “isso tudo aí é só agora de manhã”.



Figura - 17 – Altar erguido ao centro do Museu Vivo do Padre Cícero onde os devotos depositam os ex-votos.

Fonte: Foto da autora

É mister lembrar, com base na Política Nacional de Museus (2007), que o Museu Vivo do Padre Cícero, apesar de contemplar algumas das características museológicas, ainda se distancia de algumas concepções no âmbito dos museus, como por exemplo no que se refere ao planejamento e execução da exposição, muitas vezes causando poluição visual, ao envolver no mesmo espaço peças semanticamente distantes. Embora esse museu não atenda

todas as prerrogativas necessárias para se fazer museu, ainda assim, é respeitado como tal, pelos próprios organismos consagrados à instituição museológica. Também, não nos podemos esquecer de que o poder da cultura ultrapassa a dimensão conceitual e a vontade do povo é maior do que qualquer coisa. O Padre Cícero Romão é um desses exemplos e, por extensão, o museu que leva seu nome. Morin (2002, p. 35) aprova nosso entendimento, assinalando que a cultura é o “Conjunto de hábitos, costumes, práticas, saber fazer, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social.”. Esses aspectos estão presentes no ambiente do Museu Vivo do Padre Cícero. Daí a enorme representação simbólica das peças ex-votivas.

7 PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO

Ao estudar a categorização aristotélica, visando à sua aplicabilidade aos ex-votos, objetos desta pesquisa, percebemos sua necessidade, primeiramente, por entender a dinâmica e complexidade implícitas nesses objetos. Segundo, porque os ex-votos são documentos que precisam ser tratados do ponto de vista informacional, seguindo os princípios de organização da informação no âmbito da Ciência da Informação. No entendimento de Arroyo Izquierdo (1995, p. 77), "o continente é a 'forma material', que compreende a substância de que é feito, com seu formato e modo de apresentação. O conteúdo – mais relevante para nós, é a 'forma intelectual', que compreende tanto os elementos como a sua estrutura". Assim, os ex-votos se constituem pela sua forma (modelos, *designers* etc.) e pelo seu conteúdo a representação simbólica da graça alcançada. É, portanto, nesse tipo particular de documento que a informação se materializa na fé do sujeito. Ainda nesse sentido, Lima; Costa (2007) defendem a ideia de que

[...] a informação em museus circula e é transmitida em variados espaços e canais tais como, por exemplo: exposições tradicionalmente associadas à imagem 'museu' e, também, áreas musealizadas de qualquer natureza nas quais se destacam os denominados 'visitantes de museu'; bibliotecas, arquivos, centros de documentação/informação (serviços de informação em museus), como também outros meios como bases de dados de coleções, de outros espaços e de temas vinculados aos museus associados aos 'consulentes'/'usuários'; edições sobre diversos suportes apresentadas sob formas textuais, imagéticas e sonoras (isoladas ou combinadas).

No que diz respeito à descrição dos objetos de museu, Mensch (1987, 1990, apud FERREZ, 1991, ?) aponta que existem três aspectos fundamentais a saber:

- a) propriedades físicas dos objetos (descrição física); composição material, construção técnica e morfologia (forma espacial, dimensões, estrutura da superfície, cor, padrões de cor, imagens, texto, se existente);
- b) função e significado (interpretação); significado principal (significado da função, significado expressivo - valor emocional-), significado secundário, simbólico e metafísico; e
- c) história; gênese (processo de criação no qual idéia e matéria-prima se transformem num objeto), uso (inicial e reutilização), deterioração e conservação, restauração.

Esclarecemos que, embora a preocupação desta pesquisa não seja, necessariamente, se debruçar em todos esses aspectos, ainda assim, consideramos importante trazê-los aqui, haja

vista que eles estão presentes nas peças ex-votivas e contribuirão para materializar a proposta de categorização, objeto do estudo desta pesquisa.

Para estruturar a categorização dos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, baseamos-nos no *Thesaurus* para acervos museológicos, de autoria de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini, editado em 1987, que é um dos poucos instrumentos terminológicos dessa área no Brasil. Com relação aos objetos de ex-votos não tratados nesse *Thesaurus*, utilizamos a terminologia adotada pelo Museu, adaptando-a aos objetos ex-votivos de lá.

Inicialmente, observamos o modo como os ex-votos são organizados no espaço do museu. O resultado dessa observação permitiu ampliar a concepção acerca desses objetos, formas, tipos, sentidos, estrutura lógica etc. Cada classe de peças trabalhada contém variações ligadas às categorias, que são inerentes a objetos específicos. As primeiras experiências com as categorias aplicadas aos ex-votos trazem um vislumbre da diversidade e riqueza de informações que esses objetos carregam em seu sentido primário de devoção, e como objeto museológico. Pelo fato de as peças de ex-votos serem constituídas pela representação de vários e diversos objetos, seguindo esse *Thesaurus* predicamos o qualificador, conforme o interesse da instituição. Por exemplo, “coração de madeira”. Nesse museu, as classes de peças ex-votivas seguem a própria estrutura distribuída pelos responsáveis do museu, entre as salas de exposição, sem, contudo, necessariamente seguir uma categoria semântica de objetos em classes, como pode ser observado na figura- 18.



Figura – 18 – Ex-voto sem seguir uma categoria semântica de objetos em classe.
Fonte: Foto da autora

Nas figuras 19, 20, 21, 22 e 23, é possível identificar as transformações ocorridas na tipologia encontrada nas peças de ex-votos. São transformações que alteram seus sentidos e formas, recebendo predicados atribuídos não só pelo discurso museológico, mas, também, pelos próprios devotos, na intenção de facilitar o fluxo de informação e de comunicação das peças expostas.

Nas figuras 19 e 20, vemos exemplos de ex-votos tradicionais, em sua multiplicidade de formas, mantendo sua essência inicial ao propósito de sua criação, porém, assumindo características e predicados dinâmicos, que se diferenciam, na medida em que representam “cabeças negras e brancas”, “cabeças com cabelos curtos e longos”, cabeças femininas e masculinas”, pernas negras e brancas”, “pernas com aparelhos de acidentes”, “pernas de adultos e crianças” etc.



Figura - 19 - Ex-votos tradicionais, partes do corpo feitas de madeira (corpo em sua estrutura completa, cabeça, pernas e braços).

Fonte: Fotos da autora



Figura - 20 - Ex-votos tradicionais, partes do corpo feitas de madeira (cabeça, pernas, pés, e corpo em sua estrutura completa etc.).

Fonte: Fotos da autora

Na figura 21, assim como o ato de dar posse ao objeto, como é visto nos exemplos anteriores ao incutir características físicas aos objetos, podemos inferir que o ato de imantar a doença no objeto ex-votivo demonstra, em acordo com as categorias aristotélicas, a ação de dar posse ao objeto, neste caso, marcando com riscos de caneta a doença afeita; declarando assim, que aquele determinado objeto é pertencente a um devoto específico.



Figura – 21 – Ex-votos caracterizados com a imantação da doença.
Fonte: Fotos da autora

Ainda com relação ao ato de posse, na figura 22 vemos esse ato, pois o devoto, em vez de rabiscar o mal afeita na peça ex-votiva, marca a peça pelo *designer*, assemelhando sua forma em simetria com a parte do corpo afetada, como é o caso da perna, declarando, assim, que aquele determinado objeto é pertencente a um devoto específico pelas características particulares oferecidas ao objeto. Além do mais, podemos inferir que, ao imantar a doença na peça ex-votiva, o devoto expurga do seu corpo o mal.



Figura – 22 – Ex-votos: perna
caracterizada na forma.
Fonte: Foto da autora

Outras observações, do estudo empírico, concebidas na estrutura aqui trabalhada, é que encontramos entre os ex-votos tradicionais existentes no Museu Vivo do Padre Cícero, aqui apresentados na figura 23. A princípio estranhamos tais objetos em meio aos ex-votos feitos de madeira, pois pensávamos que somente as partes do corpo humano compunham a representação deste tipo de objeto.



Figura – 23 – Ex-votos não tradicionais caracterizados na forma.
Fonte: Foto da autora

Entendíamos que a graça alcançada do devoto estava associada diretamente à cura dos órgãos do corpo humano, não necessariamente às próteses ou objetos outros. Em visitas de campo, porém, constatamos inúmeros objetos, por exemplo, vaca, muleta e garrafa, entre as peças de madeira, modificando a paisagem tradicional que percorre todo o espaço do museu. Apesar da incidência dessas formas específicas ser rara, consideramos relevante apontá-las, pois determinado fato vem ao encontro da natureza mutante deste objeto, característica da intervenção popular, de uma ação coletiva, sendo, assim, objetos da religiosidade e cultura popular.

Isso nos leva a crer que não há uniformidade quando se fala de ex-voto. É possível perceber tal fato ao estudar a literatura corrente e ao visitar as instalações do museu, onde se constata que a diversidade é característica marcante desse tipo de objeto; onde qualquer objeto pode representar uma peça ex-votiva, como veremos nos próximos objetos aqui categorizados.

Essa característica nos encanta ao nos deparar com o imaginário popular, porém não nos surpreende, pois, como já constatado nos conceitos apresentados pelo “*Thesaurus para acervos museológicos*”, que embasa a elaboração das categorias neste trabalho, esse tipo de objeto está vinculado no ato da sua concepção pelo devoto como objeto pessoal, que se transforma em um ato de fé, em um objeto de devoção pessoal, e posteriormente adquire concepções museológicas quando inseridos no espaço do museu.

Percebendo essa realidade e seguindo o objetivo básico da pesquisa, que é identificar o discurso museológico do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de construção de um modelo de categorização visando à representação indexal, o acesso e a recuperação da informação, bem como as orientações *Thesaurus para acervos museológicos*, classificamos as peças- ex-votivas em onze (11) grandes categorias, dispostas em ordem alfabética, para que, somente com base nelas, pudéssemos estruturar as subcategorias referentes às peças ex-votivas.

- A) ANIMAIS
- B) COMUNICAÇÃO
- C) CONSTRUÇÃO
- D) EMBALAGENS/RECIPIENTES
- E) INSÍGNIAS
- F) LAZER E DESPORTO
- G) O CORPO HUMANO NA SUA ESTRUTURA COMPLETA E PARTES;
- H) OBJETOS CERIMONIAIS
- I) OBJETOS PESSOAIS
- J) TRABALHO
- K) TRANSPORTE

Estabelecidas essas grandes categorias, o passo seguinte foi estabelecer as categorias correspondentes às peças ex-votivas, de acordo com as propostas aristotélicas que se configuram em substância, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, posse, posição, lugar e tempo.

Visando a melhor compreensão didática, elaboramos alguns quadros, criando as primeiras relações com os ex-votos, apresentados conforme a estrutura anteriormente estabelecida, classificando os componentes inscritos nesses objetos. Sendo assim, consideramos que a categoria substância em toda a nossa proposta diz respeito ao conceito **ex-voto**. Por quê? Porque na proposta aristotélica essa categoria se destaca por ser a essência dos objetos que, no caso do Museu Vivo do Padre Cícero, é o ex-voto. Já a qualidade refere-se à predicação do objeto, o individualizando. Para tanto, observamos a Nota de Aplicação (NA) do *Thesaurus*, que orienta para se qualificar os ex-votos acrescentando a extensão “qualificador do descritor/nome do objeto, de acordo com o interesse da instituição”. (FERREZ, BIANCHINI, 1978, p. 273). Assim, acrescentamos, por exemplo, coração de madeira, cabeça de porcelana.

A quantidade configura-se como a característica de quantificação do objeto ex-votivo, não no que se refere à totalidade do acervo, porém em quantas partes se pode representar a graça alcançada ou solicitada, por exemplo, se é uma peça única ou mais de uma, no caso de mais de uma perna, mais um braço, mais uma mão etc. No que concerne à relação, configura-se pelo vínculo entre a fé do devoto com o ex-voto, objeto simbólico do desejo ou da graça alcançada. A paixão diz respeito ao ato que desencadeia todo o processo da crença no “santo”.

Ação corresponde à concretização do movimento da paixão, o feito. A categoria posse estabelece uma relação de propriedade do ser com a coisa. Posição refere-se à disposição do objeto no museu. A categoria lugar representa o espaço locacional onde o objeto é exposto, enquanto o tempo se refere a condição de temporalidade, de permanência da exposição do ex-voto no espaço do museu, que observamos ter cunho de rotatividade e não de estaticidade.

O esclarecimento das categorias aristotélicas se faz necessário nesta pesquisa, haja vista que são peças de acervos museológicos. Portanto, a aplicabilidade dessas categorias não se configura como um exercício simplista. Muito pelo contrário, foi necessário certo cuidado em mergulhar no universo cultural e religioso onde se localizam as peças ex-votivas para podermos entender a lógica categorial e só então modelar a proposta que será exposta a seguir.

Os primeiros resultados da aplicabilidade da categorização aristotélica no âmbito dos ex-votos demonstrou ser possível estabelecer as categorias correspondentes à estrutura física e lógica desses objetos, de modo a oferecer subsídios que podem facilitar a organização, a recuperação, o acesso e a disseminação informacionais.

Os objetos de madeira ou materiais outros simbolizam as partes do corpo humano, como já apresentado em figuras anteriores, perpassam toda a estrutura do museu, e são concebidos em formas variadas. Destacam-se deles tanto o corpo em sua estrutura completa, como também suas partes constitutivas; pernas, pés, mãos, braços, cabeças, seios, corações, rins, pulmões, colunas vertebrais etc.

De posse desses dados, elaboramos as categorias conforme os ensinamentos de Aristóteles, sendo apresentadas a seguir:

A) ANIMAIS

No *Thesaurus* de base para a elaboração das categorias, as esculturas referentes aos animais não são consideradas. Em razão disso resolvemos criar outra categoria relativa a semântica dessas peças ex-votivas. Nessa categoria inserimos todas as espécies de animais, excluindo-se dessas o homem, que assume posição de destaque nos espaços ex-votivos. Excluem-se ainda dessa categoria os acessórios de transporte terrestre, como por exemplo, cela, arreio, esporas, cabrestos etc. Na última categoria, estão as peças ex-votivas vaca e cavalo, inserindo-as na subcategoria **animais de grande porte**.

1) Subcategoria referente a animais de grande porte: CAVALO

EX-VOTO: CAVALO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Cavalo de madeira
QUANTIDADE	Único ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado pelo tamanho e formato
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 1 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CAVALO DE MADEIRA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente a animais de grande porte: VACAS

EX-VOTO: VACAS	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Vaca de madeira
QUANTIDADE	Única ou várias
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizada pelo tamanho e formato
POSIÇÃO	Pendurada por ganchos
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 2 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VACAS DE MADEIRA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

B) COMUNICAÇÃO

Seguindo o *Thesaurus* de alicerce para esta dissertação, consideramos nessa categoria as ferramentas e os objetos utilizados para registrar e permitir o fluxo de informação e de comunicação entre os humanos. Essa grande categoria foi dividida nas seguintes subcategorias: documentos, equipamentos de comunicação escrita, sonora/visual, telecomunicação e material de propaganda (publicitário). No que concerne ao primeiro caso, **documentos**, em nossas observações, *in loco*, constatamos que no Museu Vivo do Padre Cícero existem vários documentos manuscritos e impressos, destacando-se bilhetes, fotos, diplomas e carteira de trabalho. Conforme sugerido por Ferrez e Bianchini (1987), em museus que não possuem bibliotecas ou arquivos e onde não existem a organização e o tratamento informacional desses documentos, eles são agrupados na categoria Documentos. Seguindo a mesma lógica da categoria A, estabelecemos as subcategorias (1 a 3) conforme a proposta do *Thesaurus*.

1) Subcategoria referente aos documentos: BILHETE e CARTA

EX-VOTO: BILHETE E CARTA	
	CATEGORIAS
	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Bilhete manuscrito
QUANTIDADE	Um ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Individualização da graça alcançada.
POSIÇÃO	Sobre superfície
LUGAR	Vitrina, vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro –3 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BILHETE e CARTA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente a documentos: DOCUMENTO FOTOGRÁFICO

EX-VOTO: DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Foto de casamento, de gestante, de amizade etc
QUANTIDADE	Um ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Cura – Doença, agradecimento e/ou desejo de realização de cura
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado pelas imagens representativas dos devotos
POSIÇÃO	Soltos em vitrinas, emolduradas e pendurado por pregos
LUGAR	Paredes e vitrinas
TEMPO	Rotativo

Quadro – 4 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DOCUMENTO FOTOGRÁFICO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente a documentos: DIPLOMA

EX-VOTO: DIPLOMA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Diploma de graus
QUANTIDADE	Único ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Diploma original ou autenticado
POSIÇÃO	Em quadros fixados em paredes
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 5 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DIPLOMA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

3) Subcategoria referente a documentos: IDENTIDADE

EX-VOTO: IDENTIDADE	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Carteira de motorista plastificada
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Agradecimento
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Carteira de motorista original
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 6 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CARTEIRA DE MOTORISTA.
Fonte: Dados da pesquisa empírica

No segundo caso, **equipamentos de comunicação escrita**, enquadram-se os objetos usados na “escrita, autenticação, guarda e transporte de documentos textuais, e respectivos acessórios, inclusive os de leitura” (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p. 61). Excluem-se dessa categoria os mobiliários e equipamentos.

1) Subcategoria referente a equipamentos de comunicação escrita: ESTOJO DE LÁPIS

EX-VOTO: ESTOJO DE LÁPIS	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Estojo de plástico com canetas, borrachas, lapiseiras etc.
QUANTIDADE	Único
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
ACÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de pertença do devoto com inscrição
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 7 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: ESTOJO DE LÁPIS
Fonte: Dados da pesquisa empírica.

No que diz respeito à subcategoria equipamentos de **Comunicação Sonora/Visual**, e seguindo o *Thesaurus*, consideramos nessa categoria os objetos para registrar multimídia, por exemplo, discos de vinil, CD-ROM, DVD, fitas de vídeo, fitas cassetes etc.

1) Subcategoria referente à comunicação sonora/visual: DISCO DE VINIL, CD-ROM, DVD ETC.

EX-VOTO: DISCO DE VINIL, CD-ROM, DVD ETC	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Disco de vinil, cd-rom e dvd em policarbonato
QUANTIDADE	Um ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro – 8 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: **DISCO DE VINIL, CD-ROM, DVD ETC.**
 Fonte: Dados da pesquisa empírica.

C) CONSTRUÇÃO

Embora que no *Thesaurus para Acervos Museológicos*, o conceito construção esteja relacionado às construções criadas para “atender as necessidades humanas em local relativamente permanente”, conforme Ferrez, Bianchini (1987, p. 208), Consideramos ainda nessa categoria as **cópias miniaturizadas de construção e fragmentos de construção**. No primeiro, caso encontram-se casas, sítios, igrejas, lanchonetes e outras do gênero. No segundo, estão fragmentos de construção, onde se encontram alocados os “objetos criados para ser parte de uma construção ou acessórios para o seu funcionamento” (ID. IBID, p. 290). Alocamos, nesse item, tijolos, fechaduras, chaves de portas de casa, trancas, portas, dobradiças.

1) Subcategoria referente a cópias miniaturizadas de construção: CASA, SITIO, IGREJA, CAPELA e LANCHONETE.

EX-VOTO: CASA, SITIO, IGREJA, CAPELA, LANCHONETE.	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Casa, sitio, igreja e lanchonete, de madeira ou acrílico
QUANTIDADE	Único ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizada na forma de miniaturas, a semelhança do objeto de origem ou inscrita.
POSIÇÃO	Vertical
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 9 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CASA, SÍTIO, IGREJA, CAPELA E LANCHONETE.
Fonte: Dados da pesquisa empírica.

2) Subcategoria referente a fragmentos de construção: DOBRADIÇA E FECHADURA DE PORTA

EX-VOTO: DOBRADIÇA E FECHADURA DE PORTA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Dobradiça e fechadura de porta e portão em ferro e aço
QUANTIDADE	Único ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Pendurada verticalmente com linhas de nylon
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 10 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: DOBRADIÇA E FECHADURA DE PORTA
Fonte: Dados da pesquisa empírica.

3) Subcategoria referente a fragmentos de construção: TIJOLO

EX-VOTO: TIJOLO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Tijolo de barro
QUANTIDADE	Único ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 11 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: TIJOLO
Fonte: Dados da pesquisa empírica.

D) EMBALAGENS/RECIPIENTES

Nessa categoria, inserimos as embalagens e os recipientes utilizados no mercado produtivo, porém, que se encontram no Museu com senso ex-votivo.

1) Subcategoria relativa a embalagem e recipiente: GARRAFA

EX-VOTO: GARRAFA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Garrafa de madeira
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença e/ou pedido
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Pode estar caracterizada pelo tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurada por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 12 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: GARRAFA DE MADEIRA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

E) INSÍGNIA

As insígnias são objetos referentes a sinais distintivos, podendo ser individuais ou coletivos, de função, dignidade, posto, comando, poder, nobreza etc. incluindo-se aí os acessórios.

1) Subcategoria referente a insígnia: PLACA

EX-VOTO: PLACA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Placas de homenagem e comemorativas
QUANTIDADE	Único
RELAÇÃO	Gráça alcançada
AÇÃO	Agradecimento
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de trabalho do devoto
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 13 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PLACA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

F) LAZER E DESPORTO

Esta categoria diz respeito aos brinquedos e jogos, de modo geral, colocados no Museu como peças de ex-votos. Usa-se boneco, tanto para o masculino quanto para o feminino.

1) Subcategoria relativa a brinquedos e jogos: BONECO

EX-VOTO: BONECO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Boneco de borracha
QUANTIDADE	Um ou vários
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada / Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto com características em simetrias com o devoto ou com a pessoa a ser abençoada.
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 14 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: BONECO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

G) CATEGORIA REFERENTE AO CORPO EM SUA ESTRUTURA COMPLETA E PARTES

No *Thesaurus* de base para a estruturação das categorias, as esculturas relativas ao corpo humano não são consideradas em sua estrutura completa, porém somente a cabeça, as mãos e o tronco (busto) que estão na categoria artes visuais/cinematográfica. Nas notas explicativas dessa fonte, inserem-se nessa categoria os objetos cuja finalidade é a estética, portanto, a semântica das peças ex-votivas sob o olhar do devoto, não tem essa configuração. Assim, optamos por construir uma categoria que privilegiasse esse sentido.

Nessa categoria, alocamos as peças ex-votivas (madeira ou não) que retratam o corpo humano em sua estrutura completa: cabeça, tronco e membros. Exclui-se, portanto, desta grande categoria cada parte do corpo humano em sua individualidade, conforme os quadros (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11)

1) Subcategoria referente ao corpo em sua estrutura completa

EX-VOTO: CORPO EM SUA ESTRUTURA COMPLETA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Corpo de madeira em sua estrutura completa
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura -Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado com a imantação da doença, e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos e sobre mesa
LUGAR	Parede e mesa
TEMPO	Rotativo

Quadro – 15 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto – CORPO EM SUA ESTRUTURA COMPLETA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente à parte do corpo CABEÇA

EX-VOTO: CABEÇA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-votos
QUALIDADE	Cabeça de madeira, de porcelana
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado com o tipo, e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurada por ganchos e sobre superfície de madeira
LUGAR	Prateleiras, paredes ou vitrina-armários.
TEMPO	Rotativo

Quadro - 16 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto - CABEÇA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

No que se refere ao tronco, não encontramos nas peças ex-votivas exemplos concretos dessa região. Desse modo, não poderíamos estabelecer uma categoria de seqüência lógica anteriormente apresentada (Cabeça, tronco e membros). Mesmo assim, por ser o tronco constituído pelo tórax (que abriga, dentre outros órgãos, o coração, os pulmões e as mamas) e pelo abdome (que comporta, além de outros componentes, o fígado e os rins), optamos por estabelecer cada órgão desses como subcategorias. Também, por uma questão semântica, colocamos imediatamente a seguir a subcategoria coluna vertebral, por se constituir no arcabouço ósseo de todo o corpo humano.

3) Subcategoria referente à parte do corpo COLUNA VERTEBRAL

EX-VOTO: COLUNA VERTEBRAL	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Coluna vertebral de madeira
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado e/ou imantado com a doença, inscrição no objeto e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro -17 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: COLUNA VERTEBRAL
Fonte: Dados da pesquisa empírica

4) Categoria referente à parte do corpo BRAÇO

EX-VOTO: BRAÇO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Braço de madeira
QUANTIDADE	Um ou dois
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Imantado com o tipo de doença, e/ou tamanho e formato
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 18 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto - BRAÇO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

5) Subcategoria referente à parte do corpo MÃO

EX-VOTO: MÃO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Mão de madeira
QUANTIDADE	Uma ou duas
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Imantada com a doença, e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurada por ganchos e sobre superfície de madeira
LUGAR	Parede, vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro – 19 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto - MÃO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

6) Subcategoria referente à parte do corpo: CORAÇÃO

EX-VOTO: CORAÇÃO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Coração de madeira
QUANTIDADE	Único
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado e/ou imantado com a doença, inscrição no objeto e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 20 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CORAÇÃO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

7) Subcategoria referente à parte do corpo PULMÃO

EX-VOTO: PULMÃO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Pulmão de madeira
QUANTIDADE	Um ou dois
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado e/ou imantado com a doença, inscrição no objeto e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 21 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PULMÃO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

8) Subcategoria referente à parte do corpo MAMA

EX-VOTO: MAMA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Mama de madeira
QUANTIDADE	Um ou dois
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado e/ou imantado com a doença, inscrição no objeto e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurados por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro -22 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MAMA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

9) Subcategoria referente à parte do corpo RIM

EX-VOTO: RIM	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Rim de madeira
QUANTIDADE	Um ou dois
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizado e/ou imantado com a doença, inscrição no objeto e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 23- Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: RIM
Fonte: Dados da pesquisa empírica

10) Subcategoria referente à parte do corpo Perna

EX-VOTO: PERNAS	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Perna de madeira
QUANTIDADE	Uma ou duas
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Imantada com o tipo de doença, e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 24 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto – PERNAS
Fonte: Dados da pesquisa empírica

11) Subcategoria referente à parte do corpo PÉ

EX-VOTO: PÉ	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-votos
QUALIDADE	Pés de madeira
QUANTIDADE	Um ou dois
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Imantada tipo de doença, e/ou tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurado por ganchos
LUGAR	Parede
TEMPO	Rotativo

Quadro - 25 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto - PÉ
 Fonte: Dados da pesquisa empírica

H) OBJETOS CERIMONIAIS

Seguindo-se as instruções de Ferrez e Bianchini (1987, p. 57), essa categoria diz respeito aos objetos utilizados em cerimônias ou rituais, civis, religiosos, ou militares, desde que sejam sistemáticos. Estão inclusos nessa categoria as subcategorias relativas aos objetos cerimonial de instituições, comemorativos, de cultos e **fúnebres**.

1) Subcategoria relativa a objeto funerário: URNA CINERÁRIA

EX-VOTO: URNA CINERÁRIA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Urna cinerária em caixa de madeira e plástico
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Conforto
AÇÃO	Pedido de proteção
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Cinzas do devoto ou de algum parentesco com o mesmo
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro – 26 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: URNA CINERÁRIA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

I) OBJETOS PESSOAIS

Incluem-se nessa categoria os objetos destinados a atender as necessidades humanas, como, por exemplo, higiene, proteção e adorno. Conforme *Thesaurus* para acervos museológicos, enquadram-se nessa categoria as subcategorias seguintes: acessórios de indumentária, artigo de tabagismo, toalete, de viagem, objetos de adorno, devoção pessoal, conforto e peças de indumentária. No Museu Vivo do Padre Cícero, observamos a existência dessas duas últimas. Na nota de escopo desse vocabulário, consideram-se como **peças de indumentária** os “objetos usados como vestimentas ou calçados por seres humanos, inclui, também as coberturas de cabeça e máscaras que complementem trajes”. Incluindo-se aqui as coberturas de cabeça e máscara (ID IBID, p.10). Enquadramos, ainda, nessa categoria, os objetos referentes a indumentárias de casamento e esporte.

1) Subcategoria peças de indumentária: CAMISA DE TIME ESPORTIVO

EX-VOTO: CAMISA DE TIME ESPORTIVO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Camisa de time esportivo
QUANTIDADE	Um ou várias
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Emoldurada
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro - 27 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CAMISA DE TIME ESPORTIVO

Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria peças de indumentária: VESTIDO NUPCIAL

EX-VOTO: VESTIDO NUPCIAL	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Vestido nupcial de cetim
QUANTIDADE	Um ou várias
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Emoldurado e vestido no Manequim
LUGAR	Vitrinas
TEMPO	Rotativo

Quadro - 28 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VESTIDO NUPCIAL DE CETIM

Fonte: Dados da pesquisa empírica

3) Subcategoria peças de indumentária: VÉU E GRINALDA

EX-VOTO: VÉU e GRINALDA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Véus de filó e Grinaldas de pérolas
QUANTIDADE	Um ou várias
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrinas
TEMPO	Rotativo

Quadro - 29 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: VÉU e GRINALDA

Fonte: Dados da pesquisa empírica

A subcategoria objeto de **auxilio, conforto pessoal** refere-se às próteses fixas ou móveis utilizadas, visando a suprir as deficiências físicas dos seres humanos.

1) Subcategoria referente a objeto de auxílio/conforto pessoal: MULETA

EX-VOTO: MULETA	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Muleta de madeira
QUANTIDADE	Única
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Cura – Doença
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Caracterizada pelo tamanho e formato.
POSIÇÃO	Pendurada por ganchos
LUGAR	Paredes
TEMPO	Rotativo

Quadro -30 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MULETA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

J) TRABALHO

Conforme a NA do “*Thesaurus para acervos museológicos*”, enquadraram-se nesta categoria os objetos utilizados nas atividades de trabalho do ser humano, incluindo-se aqui as subcategorias relativas a equipamentos:

- a) agrícolas, usados para o cultivo de solo, para a produção de alimentos e bebidas, jardinagem, reflorestamento e outros do gênero;
- b) de artes do espetáculo, aqueles empregados em espetáculos artísticos;
- c) de artistas/artesãos, inseridos nessa subcategoria os utensílios utilizados na fabricação artesanal;
- d) de atividades comerciais, equipamentos usados para venda de produtos e serviços;
- e) de fiação/tecelagem - instrumentos utilizados para a fabricação de linhas, cordas, fios ou tecelagem de maneira geral;
- f) de mineração - ferramentas empregadas na extração mineral;

- g) de pecuária - utensílios empregados na pecuária desde a criação até industrialização;
- h) médicos - instrumentos empregados no desenvolvimento das atividades do ramo da saúde;
- i) musicais - objetos adotados na produção musical e respectivos acessórios;
- j) petrecho de pesca - utensílios utilizados nas atividades pesqueiras.

Destaca-se nesta categoria entre os ex-votos encontrados do Museu Vivo do Padre Cícero a subcategoria: **equipamento médico**.

1) Subcategoria referente a equipamento médico: MODELO DE DENTADURA E AFASTADOR TORÁCICO/DE EXTERNO ETC.

EX-VOTO: MODELO DE DENTADURA E AFASTADOR TORÁCICO/DE EXTERNO ETC.	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Molde de dentadura (gesso) e afastador torácico/de externo
QUANTIDADE	Único
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Agradecimento
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de trabalho do devoto
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 31 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: MODELO DE DENTADURA E AFASTADOR TORÁCICO/DE EXTERNO ETC.
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente a equipamento médico: TESOURA, BISTURI, ESTETOSCÓPIO ETC.

EX-VOTO: TESOURA, BISTURI, ESTETOSCÓPIO ETC.	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Bisturi cirúrgico, Estetoscópio clássico , tesoura cirúrgica reta
QUANTIDADE	Único
RELAÇÃO	Graça alcançada
AÇÃO	Agradecimento
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de trabalho do devoto
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 32 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: TESOURA, BISTURI, ESTETOSCÓPIO ETC.
Fonte: Dados da pesquisa empírica

K) TRANSPORTE

Alocamos nessa categoria todos os artefatos utilizados como meios de transporte (aéreo, terrestre e marítimo) de passageiros ou carga, incluindo ai os carrinhos, motocicletinhas, jangadinhas e aviôezinhos e seus respectivos acessórios.

1) Subcategoria referente a transporte aéreo, terrestre e aquático: **CARRO, MOTOCICLETA, JANGADA e ÔNIBUS**

EX-VOTO: CARRO, MOTOCICLETA, JANGADA e ÔNIBUS.	
	CATEGORIAS
	PREDICADOS
	SUBSTÂNCIA Ex-voto
	QUALIDADE Carro, motocicleta, jangada e ônibus de metal, madeira ou plástico
	QUANTIDADE Um ou vários
	RELAÇÃO Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
	AÇÃO Agradecimento e/ou desejo de realização
	PAIXÃO Devoção
	POSSE Objeto de origem
	POSIÇÃO Sobre superfície de madeira
	LUGAR Vitrina-armários
	TEMPO Rotativo

Quadro - 33 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CARRO, MOTOCICLETA, JANGADA E ÔNIBUS DE METAL, MADEIRA OU PLÁSTICO.
Fonte: Dados da pesquisa empírica

2) Subcategoria referente a acessórios de transporte terrestre: CHAVE DE PORTA

EX-VOTO: CHAVE DE PORTA	
	CATEGORIAS
	PREDICADOS
	SUBSTÂNCIA Ex-voto
	QUALIDADE Chave de porta em latão e borracha
	QUANTIDADE Uma ou várias
	RELAÇÃO Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
	AÇÃO Agradecimento e/ou desejo de realização
	PAIXÃO Devoção
	POSSE Objeto de origem
	POSIÇÃO Sobre superfície de madeira
	LUGAR Vitrina-armários
	TEMPO Rotativo

Quadro - 34 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: CHAVE DE PORTA
Fonte: Dados da pesquisa empírica

3) Subcategoria referente a acessórios de transporte terrestre: PLACA DE CARRO

EX-VOTO: PLACA DE CARRO	
CATEGORIAS	PREDICADOS
SUBSTÂNCIA	Ex-voto
QUALIDADE	Placa de carro em chapa de ferro
QUANTIDADE	Um ou várias
RELAÇÃO	Graça alcançada ou a ser alcançada/ Pedido de proteção
AÇÃO	Agradecimento e/ou desejo de realização
PAIXÃO	Devoção
POSSE	Objeto de origem
POSIÇÃO	Sobre superfície de madeira
LUGAR	Vitrina-armários
TEMPO	Rotativo

Quadro - 35 - Aplicabilidade da categorização de Aristóteles em peças de ex-voto: PLACA DE CARRO
Fonte: Dados da pesquisa empírica

8 CONCLUSÃO

A procedência da expressão do termo ex-votos remonta aos povos gregos e romanos e traz em sua semântica o reconhecimento de fé, sendo materializada nas peças que simbolizam o agradecimento de uma graça alcançada, seja ela referente à cura de uma doença ou a outra coisa. Com essa compreensão, estabelecemos os pilares desta pesquisa, buscando analisar o discurso imagético do acervo do Museu Vivo do Padre Cícero em Juazeiro do Norte, representado na figura dos ex-votos, na perspectiva de elaboração de um modelo de categorização baseado nas categorias Aristotélicas, visando à representação indexal. Nessa perspectiva, estabelecemos como objetivos específicos:

- analisar a estrutura e a constituição da temática no espaço do Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte;
- identificar a tipologia dos objetos museológicos pertencentes ao Museu Vivo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte;
- mapear o discurso expositivo com base na resignificação dos objetos expostos; e
- elaborar um modelo de categorização para acesso e recuperação da informação museológica.

Os ex-votos podem se apresentar de formas diversas: réplicas de partes do corpo, fotos, vestimentas etc., colocados nas igrejas ou em museus religiosos.

O estudo em lide identificou no Museu Vivo do Padre Cícero um rico acervo de ex-votos, tornando-se um espaço de patrimônio, representando referências da memória cultural e religiosa. Esses objetos são documentos de valor para a constituição ou reconstrução dos fatos históricos, na medida em que os objetos e imagens encontrados no Museu Vivo do Padre Cícero se tornam elementos construtores, criadores e representativos de uma realidade viva das intervenções coletivas dos devotos em torno da figura do Padre Cícero Romão Batista. Assim, os ex-votos se apresentam como reflexos de testemunhos não só apoiados em uma memória individual, carregada de um significado de devoção, mas, também enriquecidos pela memória coletiva das pessoas que tanto depositam suas graças, quanto daquelas pessoas que contemplam tal ação, se identificam e tecem teias de relação e significado, agora permitidos pela instância do museu.

Na perspectiva como se apresenta este trabalho, procuramos estudar a figura dos ex-votos no tocante a algumas questões que norteiam o universo da representação, tratamento e

preservação da informação, conduzidos pela categorização, na busca de identificar nas peças representadas pelos ex-votos a melhor compreensão do conhecimento sobre tais elementos.

No âmbito da religiosidade e da arte popular, os estudos de memória trazem em sua proposta, opções de recordação e o reconhecimento de vivências que passam pelo âmbito da representação da informação.

Esse objetos, tratados à luz da Ciência da Informação, trazem a importância destes no campo não só da representação da informação, mas propõem discussões instigantes no que tange ao diálogo com as questões da memória. Esse tema produz um debate instigante, sobretudo porque o termo “memória” está inserido nos mais diversos ramos do conhecimento. A crescente discussão da temática da memória, aqui considerada como condição primordial para a evocação dos fatos vividos, sejam eles atrelados à identidade individual e/ou coletiva, comprehende a realidade apresentada nas instâncias produtoras e disseminadoras de informação, espaços de troca de saberes.

Entre as instâncias produtoras de conhecimento, se destacam os museus, espaço aqui discutido como lugar de transformação, onde as lembranças se tornam memórias representadas por figuras, sons, imagens e objetos. Ao abordarmos o modo como essa memória presentificada se enlaça ao cotidiano das pessoas, destacamos as peças de ex-votos como testemunho das vivências de devotos em torno da graça alcançada, como figuras representativas da memória cultural e religiosa referente à figura de Padre Cícero Romão Batista. Sendo assim, ratificamos o fato de que os ex-votos, no contexto observado ao longo dessas discussões, são fontes de informação histórica, veículos de comunicação e preservação da memória.

Ao final das reflexões aqui desenvolvidas, podemos extrair algumas observações em torno da busca das relações e das ações pretendidas no que respeita à representação dos ex-votos, agora como objetos museológicos, ao estabelecer um diálogo entre as funções devocionais (o sentido primário emprestado ao objeto) e a nova função pelo ato da “musealização”.

É válido salientar que não há padrão quanto ao que pode se tornar objeto ex-votivo. Nossa proposta de categorização, mesmo aplicada aos ex-votos do Museu Vivo do Padre Cícero, o que já limita a pluralidade desses objetos, pois estes são enraizados às estruturas culturais de Juazeiro do Norte, foi fruto de uma pesquisa realizada durante no período de julho de 2010 a dezembro 2011. Sabendo da dinâmica desses objetos, é possível que esse

aspecto híbrido tenha produzido outros ex-votos que não se encontram nesta pesquisa. Isto não invalida, porém, sua aplicação, mas contribui de forma a indicar os caminhos para compreender a essência do ex-voto, suas manifestações e interferências na sociedade.

Em adição a todo esse complexo informacional e ao dinamismo observados nas peças ex-votivas, envolvidas e transformadas pela cultura - e visando a estruturar as informações em campos estratégicos para entender o processo de idealização, construção e institucionalização desses elementos- estruturamos os dados extraídos dos ex-votos nas dez categorias de Aristóteles: substância, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, posse, posição, lugar e tempo.

Os resultados mostram que, no contexto do Museu Vivo do Padre Cícero e dos ex-votos, é possível a aplicação das categorias de Aristóteles com vistas a constituir uma cadeia de elementos que ora se repetem e são comuns aos ex-votos, ora se modificam, sendo comuns a algumas classes tipológicas e alheias a outras. Por exemplo: a classe de ex-votos pertencentes aos objetos de madeira, como pés, mãos, seios, coração, estruturados à categoria aristotélica da *ação*, se enquadram no predicado da cura de uma doença, porém outras classes podem alterar tal predicado, quando tratamos de outros objetos, como o vestido nupcial, ou um diploma de grau, em que a *ação* não mais será a cura física, mas a graça alcançada numa outras perspectiva, não mais ligada ao sofrimento. Em alguns casos, pedido e agradecimento se fundem, na medida em que o devoto passa a dar sentido às peças de ex-votos.

Não podemos deixar de identificar, porém, alguns problemas para estabelecer a categorização, pois algumas informações podem estar implícitas em tais objetos. Suas formas e sentidos são constantemente modificados pela cultura, necessitando de uma leitura apoiada em fragmentos, como bilhetes que acompanham as peças, testemunhos de devotos e guias do museu, para extrair, de forma justa, a dinâmica informacional proposta pelas peças de ex-votos.

Com relação à contribuição desta pesquisa, reside em outra perspectiva informacional em relação ao documento não verbal, no caso em baila, as peças ex-votivas, que constituem o acervo do Museu Vivo do Padre Cícero, evidenciando que, como qualquer outra fonte de informação, os ex-votos precisam ser tratados do ponto de vista documental e, para que se obtenha êxito, a colaboração entre a Biblioteconomia e a Museologia se faz necessária. Portanto, temos a expectativa de que esta pesquisa possa servir de base para subsidiar outros estudos, tanto nessas áreas como outras interdisciplinares, principalmente no que diz respeito

à elaboração de linguagens documentárias concernentes à terminologia das peças ex-votivas, que ainda são escassas no Brasil, haja vista se tratar de museus que fogem à estrutura daqueles tradicionais.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. L. N. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.49, p. 197-214, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a10v2549.pdf>>. Acesso em 02 de fev.2011.

ARAUJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero**: trabalho e fé. 2005. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

ARISTÓTELES. Categorias. Introdução, tradução, notas e apêndices de Maria José Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

ARROYO IZQUERDO, J.M. **Organizacion documental del conocimiento**. Madrid: Tecnidoc, 1995.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A informação e patrimônio arqueológico: formação de memórias e construção de identidades. In: **IX ENANCIB**, 2008, São Paulo. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: USP, 2008.

AZZI, Riolando. **A cristandade colonial**: um projeto autoritário. São Paulo: Paulinas, 1987.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do Padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte: Edições ICVC, 1992.

BENTES PINTO, Virginia. Indexação morfossemântica de imagens no contexto da saúde visando à recuperação de informações. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.313-330, abr.-jun. 2008.

BENTES PINTO, V. et. al. Software *cmaptools* inovando a categorização aristotélica aplicada ao prontuário eletrônico do paciente. In: **XI ENANCIB**, 2010, Rio de Janeiro. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010a.

BENTES PINTO, V., BORGES, R.R., SOARES, J. M.L. Aplicabilidade da categorização em prontuários do paciente visando a recuperação da informação In: Semana de humanidades UFC/UECE/I ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 7, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC/UECE, 2010b.

BENTES PINTO, Virgínia; MEUNIER, Jean-Guy; SILVA NETO, Casemiro. A contribuição peirciana para a representação indexal de imagens visuais. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 25, p. 15-35, jan. /julho 2008.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v. 19, n. 1, 1968.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

CÂMARA NETO, I. A. Diálogos sobre religiosidade popular. **Revista Ciências Humanas**, v.8, n.2, jul-dez, 2002 da Universidade de Taubaté. Acesso em: 27de setembro de 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003.

CESAR, Waldo. O que é popular no catolicismo popular. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 36, n. 141, mar. 1976.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Quotidiano e religiosidade: ressignificação de práticas romeiras a partir de estudo de caso no nordeste brasileiro. VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: MUNDOS SOCIAIS SABERES E PRÁTICAS. NÚMERO DE SÉRIE: 184. UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. 25 -28 DE JULHO 2008.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1990.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaçá**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

FERGUSON, R. **Exvotos: Folk art and expressions of faith in Mexico**. Disponível em <<http://www.mexconnect.com/articles/969-exvotos-folk-art-and-expressionsof-faith-in-mexico>> Acesso em 14 de nov.2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: MinC/SPHAN/Fundação Pró-memória/MHN, 1987. 2v.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, jan./abr. 2006.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4., Recife. **Trabalhos apresentados**. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991. Disponível em: <<http://www.crnti.edu.uy/02cursos/ferrez.doc>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

FORTIN, M.-F. **Le processus de la recherche de la conception à la réalisation**. Québec : Décarie, 1996.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n.3, p. 20-29, mai/jun. 1995.

GOMES, R.A. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R. (orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2005. p.185-221.

GONÇALVES, Carlos Alberto; MEIRELLES, Anthero de Moraes. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

GONZÁLES DE GÓMEZ, M. N. A informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens. Questões epistemológicas, consequências políticas. In: GONZÁLES DE GÓMEZ, M. N; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. (Org.). **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: Editora da UFRN, 2006.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOFFLER, Angélica. Paredes votivas da ladeira do Horto. In: CARVALHO, Gilmar de. (org.). **Onze vezes Joaseiro: tributo a Ralph Della Cava**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. p. 57-70.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Semiótica e museu. **Cadernos de Ensaios: estudos de Museologia**, n. 2. Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.

IBRAM. Instituto Nacional de Museus. Brasília: Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança cultural (re) interpretada ou a memória social e a instituição museu Releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 10 dez. 2010.

LOUREIRO, J. M. M; LOUREIRO, M. L. N. M; SILVA, S. D. Museus, informação e cultura material: o desafio da interdisciplinaridade. In: **IX ENANCIB**, 2008, São Paulo. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: USP, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política nacional de museus**. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2011.

MORIN, E. . O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina. 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n.10, p.7-23, 1993.

NOGUEIRA, Carlos. Aspectos do ex-voto pictórico português. **Culturas Populares. Revista Electrónica**, n. 2, maio/agosto 2006. Disponível em <<http://www.culturaspopulares.org/textos2/articulos/nogueira1.htm>>. Acesso em 12 de jan.2011.

OLIVEIRA, Bernardina M. J. F. de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. 2009. 2v. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo Religioso**. São Paulo: Ed. Aleph, 2006.

OLIVEIRA, José Claudio Alves de. Semiótica dos ex-votos na Bahia: arte, simbolismo e comunicação religiosa. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Paraná, v.1. n. 9, 2007.

PAZ, Renata Marinho. Cariri, campo fértil de religiosidade popular. **Tendências – Caderno de Ciências Sociais**. Crato: v. 2, n 1, p. 9-27, 2004.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo : Perspectiva, 1999.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo Evolutivo e Tendências Contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005. p. 13-48.

POLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, Katiuzia. A (des) construção do Romeiro do Padre Cícero pela tevê. In: CARVALHO, Gilmar de. (org.). **Onze vezes Joazeiro**: tributo a Ralph Della Cava. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. p. 145-164.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã**: uma abordagem revisitada e contemporânea da ciência da informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas. 4. ed. Brasília, DF: Edição de autor, 2005.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Dicotomias religiosas. **Vozes**, Petrópolis, 1997. v. 1.

SANTANA, M. H. M. **Padre Cícero do Juazeiro**: condenação e exclusão eclesial à Reabilitação Histórica. Maceió: Edufal, 2009.

SANTANA NETO, Manoel Raimundo de. A coleção. In: PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SHANNON, C; WEAVER, W. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1972.

SILVA, Maria Augusta Machado da. **Ex-votos e orantes no Brasil**. Rio de Janeiro: MHN-MEC, 1981.

STAKE ,R.E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Morata, 2005.

STOCKINGER, Gottfried. “Sistemas Sociais – A teoria sociológica de Niklas Luhmann”. In: **Pretextos**. UFBA. Salvador, Brasil. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/Pretextos>. Acesso em fevereiro de 2006.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira; SMIT, Johanna Wilhelmina. Ciência da Informação: a transgressão metodológica. In: BENTES, Virgínia; CAVALCANTE, Lídia Eugênia; SILVA NETO, Casimiro. (org.). **Ciência da Informação: abordagens transdisciplinares, gêneses e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 23-44.

VIGNAUX G. **Le démon du classement**. Penser, organiser. Paris: Seuil, 1999. (col. Le temps de penser).

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, 1993.

_____. NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. **The Information Scientist**, v. 9, n. 4, 1975.

WIENER, Norbert. Cybernetics: or the control and communication in the animal and the machine. **Massachusetts Institute of Technology**, 1948.

ANEXO A – CERTIDÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

C E R T I D Ã O

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 3ª Reunião realizada no dia 08/06/2011, o projeto de pesquisa intitulado “UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DOS EX-VOTOS DO CASARÃO: O MUSEU VIVO DO PADRE CÍCERO EM JUAZEIRO DO NORTE”, da Pesquisadora Carla Façanha de Brito. Protocolo nº. 047/11.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionado à apresentação do resumo do estudo proposto à apresentação do Comitê.



Liliane Marques L. de Souza
Coordenadora - CEP-CCS-UFPB